

Ministério

Uma revista para pastores e obreiros

Março-Abril de 2001

O Grande Conflito

Como entender e apresentar a mensagem de Ellen White



51 Livros em Português (mais de 20 mil páginas de texto)

• Recursos Multimídia

SONOPRESS®
CPB.EGW.005



Casa Publicadora Brasileira
Rodovia SP 127, km 106
Tatuí, SP, Brasil
Tel.: (015) 250-8800
Fax: (015) 250-8900



Preservando o dom profético

Entre os dons outorgados pelo Espírito Santo está o de profetizar. E, segundo o livro de Apocalipse (12:17; 19:10), esse dom seria uma característica da igreja remanescente. Como adventistas do sétimo dia, aceitamos o fato de que ele foi manifesto através do ministério de Ellen White. Como a mensageira do Senhor, seus escritos são uma contínua e autorizada fonte de verdade e proporcionam conforto, orientação, instrução e correção à Igreja. E enaltecem a Bíblia como a norma pela qual deve ser provado todo ensino e experiência. Segundo ela mesma escreveu, “devemos receber a Palavra de Deus como a autoridade suprema” (*Testimonies*, vol. 6, pág. 402). E mais: “os Testemunhos não devem apequenar a palavra de Deus, mas exaltá-la, e atrair os ânimos a ela, para que possa impressionar a todos a maravilhosa simplicidade da verdade” (*Testimonies*, vol. 4, pág. 224).

Nos últimos anos, os ataques mais violentos têm sido desferidos contra esse marco do adventismo. Por ignorância ou má fé, os críticos não economizam acusações distorcidas ou espúrias a respeito do ministério profético de Ellen White e da maneira como a igreja Adventista o considera. E não apenas isso; parafraseando o discurso de Paulo aos anciãos de Éfeso (Atos 20:29 e 30), podemos afirmar que as dificuldades não são apenas externas. Talvez, sucumbindo às pressões de fora, alguns integrantes das fileiras denominacionais alimentam e expõem suas dúvidas a respeito do assunto; uma situação para a qual já fomos advertidos: “O último engano de Satanás será exatamente anular o testemunho do Espírito de Deus. ‘Não havendo profecia, o povo se corrompe.’ Prov. 29:18. Satanás trabalhará engenhosamente, por diferentes maneiras e por instrumentos diversos, para perturbar a confiança do povo remanescente de Deus no testemunho verdadeiro.” – *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 78.

Lutar em defesa da verdade bíblica é um dever sagrado de todo servo de Deus. Porém, a menos que encontre uma resposta às suas interrogações, não poderá fazer frente, com êxito, às críticas e acusações daqueles que não têm fé nos escritos inspirados. Precisamos estar comprometidos com a origem divina do ministério profético de Ellen White e capacitados para ensinar a seu respeito.

No trato com esse ministério e seus críticos, segundo o Dr. Alberto Timm, precisamos evitar centralizar a abordagem “em questões periféricas”. Em vez disso, devemos conhecer e focalizar o âmago da sua mensagem. Necessitamos compreender os grandes temas dessa mensagem e viver de acordo com ela.

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 72 – Número 02 – Mar./Abr. 2001
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos

Revisoras: Ildete Silva e Mercedes Campos

Programador Visual: Jobson Santos

Colaboradores Especiais:

Alejandro Bullón; Jonas Arrais

Colaboradores:

Helder Roger C. Silva; Ivanaudo B. Oliveira;

José S. Ferreira; Mário Valente; Montano

Barros Neto

Capa: Daniel Oliveira

Diretor Geral: José Carlos de Lima

Diretor Financeiro: Ednor Max Gruber

Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:

<http://www.cpb.com.br>

Serviço de Atendimento Direto:

saa@cpb.com.br

Redação: redacao@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/ministerio

www.dsa.org.br/elministerio

Tiragem: 4.300 exemplares

5880/8147

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
CERTIFICADA PELA ISO 9002**

Editora dos adventistas do Sétimo Dia

Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,
18270-970 Tatuí, SP



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem *prévia autorização escrita* do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

A R T I G O S

- 10 • A OUTRA FACE DAS DÍVIDAS** • O desejo de consumo pode causar sérios prejuízos à família pastoral.
- 12 • ADÃO E CRISTO** • Um estudo sobre o pecado de Adão, seu impacto sobre a humanidade, e a obra redentora de Cristo.
- 15 • COMPREENDENDO ELLEN WHITE** • Orientações para uma abordagem correta e equilibrada do dom de profecia na Igreja Adventista.
- 19 • VIDA TOTAL** • As dimensões físicas, materiais, intelectuais, sociais e espirituais da mordomia cristã.
- 21 • A TAREFA MAIS IMPORTANTE** • Conquistar pecadores e levá-los a Jesus deve ser a principal preocupação do ministro cristão.
- 25 • O FUTURO SERÁ MELHOR** • Uma reflexão, a propósito da chegada de um novo milênio.

S E Ç Õ E S

- 3** EDITORIAL
- 4** ENTREVISTA
- 6** AFAM
- 8** PONTO DE VISTA
- 23** IDÉIAS
- 28** NOTÍCIAS
- 30** DE CORAÇÃO A CORAÇÃO
- 31** LIVROS



“Todos os seres humanos têm o poder de decidir não pecar, e de pôr essa decisão em prática.”

Pelágio

C A R T A S

Atual e atrativa

Parabéns à Redação e à Associação Ministerial da DSA, por nossa revista Ministério, que coleciono, desde mil novecentos e antigamente. Sempre atual, os últimos melhoramentos a tornaram mais atrativa. Obrigado ao Pr. José M. Viana, por sua valiosa contribuição, nos últimos anos. Boas vindas ao Pr. Jonas Araís. Começou bem, com o seu artigo “O Chamado ao Ministério”.

Gostaria de sugerir que criassem uma seção noticiosa, para informar os pastores, que foram ordenados e onde, os que se jubilaram e, se possível, notícias de colegas brasileiros em campos missionários.

Pr. Oder F. Melo, Americana, SP

Também para anciãos

Já recebo a Revista do Ancião, que é muito útil. Mas gostaria de receber também a revista Ministério. Já recebi alguns números e apreciei bastante. Embora alguns artigos sejam profundos para a maioria das pessoas, acredito que um líder de igreja precisa ampliar o conhecimento em todos os sentidos. E isso é possível através da boa leitura. Quanto mais rico for o material estudado, maior a capacidade adquirida para liderar e tratar os problemas administrativos, de relacionamento e doutrinário. Que devo fazer para conseguir a revista?

José Carlos Sampaio, Rio de Janeiro, RJ

A distribuição de *Ministério* é feita pela Divisão Sul-Americana, através dos Campos. O irmão deve entrar em contato com o seu pastor ou o secretário ministerial da Associação. Eles terão as informações necessárias.

“Voltaria com prazer”

MÁRCIO DIAS GUARDA

Voltar ao campo missionário, 40 anos depois de ter aqui chegado, visitar cidades e lugarejos, e reencontrar pessoas por quem trabalhou, bem como antigos companheiros de ministério, é uma experiência rara. No final do ano passado, o Pastor Melvin Northrup, teve a oportunidade de viajar, por quase um mês, pelo Norte do Brasil e por São Paulo.

Nesta entrevista, concedida a Márcio Dias Guarda, ele recorda as condições de trabalho daquela época e se emociona com os resultados da dedicação dos pioneiros. O Pastor Melvin atualmente está aposentado e mora em Lincoln, Nebraska, Estados Unidos, com a esposa, Norma. Os dois filhos, Cindy e Melvin Júnior são casados e também moram nos Estados Unidos.

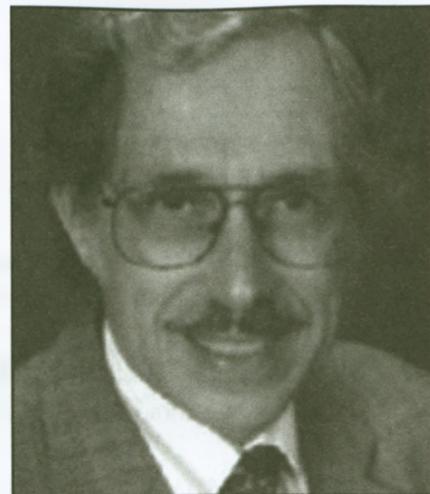
Ministério: *Quando começou seu trabalho e que atividades desempenhou como missionário no Brasil?*

Pastor Melvin Northrup: Ao aceitar o chamado para trabalhar na antiga Missão Costa-Norte, em 1960, fiquei encarregado dos departamentos de Educação e Jovens Adventistas. Além disso, como é a regra, ao viajar pelo Campo, representava a administração de modo geral. O presidente da Missão era o Pastor Walkírio Souza Lima (que pode rever agora em Hortolândia, SP). Nosso território incluía os Estados do

Ceará, Piauí e Maranhão. Havia relativamente poucos adventistas, porém os distritos pastorais eram muito extensos, chegando a ocupar um Estado inteiro. Ao viajar pelo Campo, ajudávamos na pregação, na organização interna das igrejas e dos grupos, no aconselhamento, revisão de tesouraria, etc. Eu também servi como pastor da igreja de Arolândia, em Fortaleza, durante alguns meses. Depois, nos mudamos para Belém e trabalhei na União Norte-Brasileira, nos mesmos departamentos.

Ministério: *Quais eram as condições de trabalho de um pastor adventista, há quase 40 anos, no Norte do Brasil?*

Pastor Melvin: O transporte e a comunicação naqueles dias eram primitivos. Tanto os obreiros da sede quanto os distritais tinham que ser peritos em andar a cavalo, usar carro de boi e pequenas embarcações. Com certa frequência, tínhamos que viajar a pé por longas distâncias. Havia poucas estradas, não havia telefones, e até poucos aparelhos de rádio. Eu possuía um pequeno rádio e tive algumas experiências curiosas com ele em lugares onde o povo ainda não havia visto uma “caixa que falava”. Em geral, não tínhamos como nos comunicar com a família, durante as viagens para o interior, as quais podiam durar de três a seis semanas. Deixe-me enfatizar, por outro lado, que eu encarava esse trabalho como uma aventura para Cristo. Amava e respeitava aquele povo que sofria privações de toda espécie e morria muito cedo. Eu tinha boa saúde e a



energia de um jovem. Minha esposa e os filhos também se comprometiam totalmente com a Obra. Recordo que nossa filha, Cindy, com doze anos de idade, vendeu a bicicleta que recebera dos avós para que pudesse me acompanhar em uma dessas viagens pelo interior. Um dos maiores desafios era a falta de dinheiro. Tínhamos membros fiéis, mas muito pobres. A Missão operava sempre no limite das finanças. Outro detalhe que ilustra um pouco as condições de trabalho, que ainda pude relembrar agora com dois dos colegas daquela época, os Pastores Olival Costa e Natã Araújo, era a dificuldade para encontrar água suficiente para realizar um batismo, em algumas regiões, durante o período da seca. Hoje, relembramos, até com certo humor, como em alguns casos tivemos que exercer muita criatividade para realizar um batismo por imersão em águas extremamente rasas e de como alguns candidatos tiveram que arriscar a vida nesse momento, ou de como não tínhamos o direito de achar que um pouco de lama iria manchar a celebração.

Ministério: *Quais as conseqüências positivas e negativas dos oito anos passados no Brasil?*

Pastor Melvin: Considero que meu ministério no Brasil foi uma experiência positiva e enriquecedora. Assim como, ao chegar aqui, em geral as pessoas demonstram paciência para com o estrangeiro que não conhece certos hábitos, o mesmo aconteceu na volta à

terra natal, depois de eu ter adquirido outros hábitos. Acho que aprendi muito em termos de trabalhar com pessoas diferentes e de como respeitar sinceramente seus pontos de vista. Mergulhar numa outra cultura pode ser uma bênção e uma educação preciosa. Tive a oportunidade de aprender a me comunicar razoavelmente bem em português, e essa também é uma herança que estimo.

Ministério: *Parece que sua própria vinda ao Brasil, depois de 32 anos, ainda é fruto de uma experiência bem-sucedida daqueles tempos de missionário. Pode-nos contar algo a respeito?*

Pastor Melvin: Esta visita me deu novas evidências de como, ao confiar plenamente em Deus, permitimos que Ele realize o que não podemos fazer e nem somos capazes de sonhar. Nestas décadas, depois de voltar para a minha pátria, algumas vezes fiquei pensando se realmente havia feito o melhor possível no Brasil. De repente, depois de muitos anos, tive esta surpresa maravilhosa. Algumas pessoas que eram bem jovens na década de sessenta nos encontraram e nos convidaram para fazer esta viagem. E pude constatar como o trabalho daqueles poucos obreiros foi multiplicado pelas bênçãos de Deus. Ele nos deu a honra de ser Seus representantes num sucesso muito maior do que qualquer mente humana podia imaginar. Acho que Cristo inspirou a família Pereira, de Belém do Pará, e outras a me convidarem para voltar a este belo país e ver seu povo vibrante, porque eu precisava aprender uma lição de confiança. Para que eu pudesse lembrar que a Obra de Deus avança maravilhosamente porque seres humanos se colocam em Suas mãos e permitem que Ele realize tudo através deles; porém, com resultados que excedem infinitamente seus esforços.

Ministério: *Como se sentiu ao voltar, reencontrar colegas de ministério e visitar mais uma vez aqueles sertões?*

Pastor Melvin: Foi uma das experiências mais emocionantes da minha vida. Pude reencontrar um bom número de colegas e amigos daqueles tempos. Tive também a alegria de observar os adventistas em uma grande festa como é a Casa Aberta, em Tatuí. Foi muito agradável ainda visitar diversas igrejas. Mo-

mentos por demais emocionantes foram os encontros com alguns amigos adolescentes da década de sessenta, por quem orei muitas vezes sem saber o que acontecera com eles. Agora, pude constatar que Deus realizou por eles tudo o que eu não pudera fazer. Confesso que derramei lágrimas quando refleti sobre esses encontros.

Ministério: *Pelo que sei, o senhor também aproveitou esta viagem para realizar pesquisas em função de um livro que está escrevendo.*

Pastor Melvin: Exatamente. A narrativa é baseada na vida de um verdadeiro pioneiro para Cristo, na Amazônia brasileira. Trata-se de Pedro Linhares, com quem tive o privilégio de trabalhar, desde 1963 até 1968; portanto, três anos antes de sua morte.

Ministério: *Por que escrever um livro sobre Pedro Linhares?*

Pastor Melvin: Na realidade, tenho dois objetivos. Primeiro, ilustrar como Deus pode levar uma pessoa egoísta e pecaminosa ao pé da cruz. Segundo, mostrar também como é possível Deus transformar uma pessoa rude e iletrada num obreiro eficiente em Sua causa. A narrativa termina com o encontro surpreendente do veterano obreiro com um de seus filhos, depois de ter vivido 40 anos pensando que todos haviam morrido repentinamente. Durante três anos, insisti com o Pastor Linhares para que me contasse a história de sua juventude e, com um pouco de relutância, finalmente ele contou detalhes inéditos.

Ministério: *No que esta viagem contribuiu para o livro?*

Pastor Melvin: A pesquisa foi importante para confirmar dados e informações. Comecei pela Biblioteca da Casa Publicadora Brasileira e depois visitei o local, no Piauí, onde Pedro nasceu e tornou-se conhecido, no início dos anos 1900, como o "Coronel Linhares", dominando toda uma fazenda naqueles sertões. Tive ocasião de entrevistar um número significativo de pessoas que o conheceram, como parentes, colegas e amigos. Fiz contato também com historiadores da região e algumas pessoas cujas famílias residiram perto da fazenda dele. Tudo isso contribuiu para enriquecer o referencial geográfico e histórico.

Ministério: *Baseado em sua experiência, que pode aconselhar aos que estão se preparando ou desejam servir como missionários?*

Pastor Melvin: Baseado em meus acertos e erros, diria: em primeiro lugar, esteja absolutamente seguro de sua conexão com Cristo. Em segundo lugar, verifique a firmeza dos seus laços familiares. Em terceiro, respeite os costumes e idéias daqueles com quem vai trabalhar. E, em quarto lugar, procure fruir a aventura, em vez de focalizar a atenção nas inconveniências.

Ministério: *Recentemente, a liderança da Igreja passou a se preocupar mais com os povos que vivem na chamada "janela 10/40". Como o evangelho poderá ser pregado nessas regiões?*

Pastor Melvin: Acho que o trabalho naquelas regiões exige uma dose extra de paciência e confiança em Cristo. O progresso inicial pode ser vagaroso e desanimador. É importante jamais esquecer que Deus faz milagres. De novo, nossa experiência no Brasil é uma base para crer assim, pois, naquele tempo, havia poucos membros e hoje é o maior país adventista do mundo. Acho que uma das ferramentas mais eficazes que temos hoje para tais regiões é o rádio. A janela 10/40 representa um grande e inspirador desafio.

Ministério: *Como vive um missionário aposentado?*

Pastor Melvin: A aventura continua! A alegria de viver com Cristo é uma experiência que prossegue, mesmo após a jubilação. Tenho optado por dedicar meu tempo ao serviço voluntário em favor de minha família, participo também de projetos na igreja local e de outros na comunidade onde moro. É muito interessante poder se dividir entre uma dúzia de projetos diferentes, sabendo que tenho o direito, a qualquer momento, de desistir de um deles. Essa é uma das vantagens da aposentadoria. Se eu tivesse que escolher outra vez, faria o possível para alisar e endireitar em mim algumas bordas mais ásperas. Além disso, não mudaria mais nada, pois vejo claramente como Deus nos tem guiado. Claro que eu aceitaria ser missionário no Brasil, outra vez. Se tivesse a vida para viver de novo, sim, aceitaria sem hesitação. Ainda mais depois de ter notado agora, com satisfação, quantas bênçãos Deus tem dado ao Brasil, nos últimos anos. ✓

O que pensam os nossos filhos



Divulgação

ÉVELYN NAGEL

Coordenadora da Afam e diretora do Ministério da Mulher, na Divisão Sul-Americana

Não existe e nunca existirá amor maior que o de Cristo pela raça humana. Sempre que leio sobre o plano da redenção, fico sensibilizada com as palavras escritas no livro *O Desejado de Todas as Nações*, à página 22, mencionando que o plano de nossa redenção não foi um pensamento posterior, “formulado depois da queda de Adão. Foi a revelação do ‘mistério encoberto desde tempos eternos’”.

Mais adiante, lemos: “Foi um sacrifício voluntário. Jesus poderia haver permanecido ao lado de Seu Pai. Poderia haver retido a glória do Céu, e as homenagens dos anjos. Mas preferiu entregar o cetro nas mãos de Seu Pai, e descer do trono do Universo, a fim de trazer luz aos entenebrecidos, e vida aos que estavam prestes a perecer.”

Considerando esse tão grande amor, cooperar com o trabalho de Deus é um grande privilégio. Dedicar a vida a Seu serviço é participar dessa obra redentiva.

Trabalhando por mais de 30 anos para a Igreja, tenho ouvido algumas queixas de filhos de pastores e obreiros

que têm me sensibilizado muito. Por esse motivo, uma carta que recebi de Lilian Becerra de Oliveira, a qual transcrevo na íntegra, fez com que eu participasse de uma bela experiência. Ela é uma jovem senhora, filha de pastor, com dois filhos pequenos, que sempre irradia felicidade, ao participar desta missão.

O que faz a diferença

“Minhas lembranças de adolescente levaram-me a pensar nas conversas com as minhas amigas mais chegadas. Filhas de obreiros adventistas, falávamos acerca do nosso futuro, de nossas aspirações e do lar que queríamos formar. Um dia, perguntei a uma delas: ‘Você se casaria com um pastor ou um missionário que trabalha para a Igreja?’ Poucas se animaram com a idéia. A maioria respondeu com um ‘não’ que transmitia um profundo desagrado. Qual a razão desse sentimento negativo?”

“Como filha de pastor, mais de uma vez sofri as pressões sociais e momentos desagradáveis, que, felizmente, não me deixaram marcas. Ao contrário, sempre mantive o desejo de casar-me com um pastor. Hoje, ao escrever, sinto-me completamente realizada. Meu esposo é pastor distrital e, ao acompanhá-lo em seu ministério e apoiá-lo em suas diferentes atividades, sinto-me completamente feliz, provando que o sonho se transformou em realidade. Nada me faz mais feliz do que ser esposa de pastor.

“Porém, hoje, como mãe de uma linda menina, às vezes questiono o porquê desses sentimentos negativos da parte de alguns filhos de missionários quanto ao serviço para a Igreja.

Será que nós, como pais, temos algo a ver com os pensamentos desenvolvidos no coração dos jovens, a favor ou contra Deus e Sua Igreja? Há alguma coisa que eu possa fazer para que minha filhinha ame a Deus e à Sua Igreja como eu amo?”

“Lembro-me do que os meus pais fizeram por mim. Houve alguma coisa na educação, no viver diário, ou alguma prática familiar que motivou a diferença?”

“**Os cultos familiares.** O local onde aprendi a amar e a respeitar a Deus foi nos cultos familiares, principalmente os de sexta-feira ao pôr-do-sol. Meus pais faziam desse culto um momento agradável. Era a ocasião para cada um de nós mencionar as bênçãos recebidas durante a semana. Todos participávamos. Cantávamos, sorriamos, estudávamos e orávamos juntos. Era um momento solene, porém alegre. Recordo das lindas histórias e também de uma deliciosa ceia. Todo o sábado era um dia feliz. Papai sempre reservava tempo para nós.

“**A oração.** Não estou pensando na oração pelos alimentos, ou na oração de rotina na hora dos cultos. Refiro-me à oração particular dos meus pais. Elas provocaram em mim uma forte impressão sobre o cuidado e proteção de Deus. Desde pequena, tocava o meu coração, quando por algum motivo abria a porta do quarto dos meus pais e os encontrava ajoelhados, pela manhã ou pela noite; mais ainda, quando oravam em voz alta. Fui testemunha da amizade deles com Deus.

“**A devoção pessoal.** Nunca apreciei levantar muito cedo, mas quando isso acontecia, mais de uma vez via,



por debaixo da porta, a luz acesa no escritório. Poderia ser meu pai ou minha mãe estudando a Bíblia. Que lição prática para a minha vida! Não era só meu pai que estudava profundamente a Palavra de Deus. Minha mãe, de igual forma, tinha o hábito de fazê-lo. Até hoje, ela não somente cuida da casa, como trabalha fora, servindo à Igreja. Pergunto a mim mesma como lhe é possível fazer tudo isso.

“As críticas. Aceito que os pontos acima mencionados deveriam formar parte do viver de todo lar adventista, mas há um ponto que me parece fazer a diferença. Como adulta, olho para o passado e lembro de situações e momentos que justificassem uma queixa ou uma crítica da parte dos meus pais para com a Organização ou seus líderes. Nunca ouvi tal reclamação. O exemplo de lealdade dos meus pais com a Organização ou com a liderança, não importando as circunstâncias, ficou profundamente gravado em meu ser. Sem dúvida, houve observações quanto às pregações, preocupações quanto ao salário ou sentimento de reações no trato de certos líderes. Cada comentário negativo, evidentemente ficou limitado às conversas privadas entre eles e não foram transmitidas a nós. Como poderia amar a minha Igreja, se meus pais não tivessem tido esse cuidado, numa idade em que não estávamos em condições de entender muitas coisas?

“Respostas aos chamados. Sendo esposa de pastor, hoje começo a compreender como os chamados implicam mudanças e que, inevitavelmente, provocam transtornos grandes e pequenos em nossa vida pessoal e profissional. Em nossa família, os filhos são um motivo de júbilo. Meu pai cuidou de transmitir-nos que uma mudança era um chamado de Deus e não dos homens. Jamais soube que ele desejara um cargo ou uma posição, ou que ele tenha rejeitado um chamado. Admiro mais os meus pais por acompanhá-los e apoiá-los nessa convicção. Assim, como filha, aprendi desde pequena que é Deus quem dirige a nossa vida.

“O que acabo de mencionar não é necessariamente algo extraordinário. São realidades simples, praticadas diariamente na vida de todos e que fizeram uma diferença em minha vida. Na verdade, é uma grande diferença que me faz feliz, enquanto sirvo ao meu Deus e à minha Igreja.” ✓

Transferência sem traumas



LÍDIO VARGAS RIQUELME

Secretário ministerial da Associação Central-Amazonas, Brasil

Parafrazeando as palavras de uma canção popular aprendida na infância, podemos dizer que “quando um pastor sai do distrito, deixa um espaço vazio que não pode ser preenchido com a chegada de outro ministro”. O grau de dificuldade para preencher esse lugar, na maioria das vezes, depende mais da habilidade que tem o pastor transferido em controlar suas emoções, do que da capacidade profissional de quem está chegando.

Quando um pastor é transferido, a última impressão é a que fica. As atitudes que assume na hora crucial da saída de um distrito para outro, de um departamento para um distrito, ou de uma Associação para uma União, etc., são de vital importância. O ato de esvaziar as gavetas, apagar as luzes, fechar a porta do escritório e da casa, despedir-se dos irmãos, dos colegas, tomar o avião, ônibus ou o próprio automóvel e partir para novos desafios e experiências, tudo isso mexe com o pastor. E, para suportar essa tempestade de sentimentos, ele precisa de uma boa estrutura emocional.

Os motivos pelos quais o pastor é transferido podem ser vários: uma transferência rotineira, tentativa de resolver uma situação difícil, mudança de ambiente de trabalho, resgate da motivação e de perspectivas de crescimento, atendimento a um chamado ou uma nomeação, entre outras razões.

Pesquisa realizada nos Estados Unidos, com 1.400 profissionais de outras áreas, revelou que 40% dentre eles, há pelo menos um ano, sonham em mudar de trabalho. Desconhecemos estudos desse tipo feitos entre pastores; porém, é uma reação natural, sobretudo se levarmos em conta a alta rotatividade dentro do movimento adventista.

O problema é que, apesar de os pastores levarem muito tempo pensando no próximo lugar de trabalho, são poucos os que planejam uma estratégia eficiente na hora de mudar de ares. Mas todos deveriam fazê-lo. A maneira como o pastor vai embora revela muito sobre o valor que ele dá a seu trabalho, à sua igreja, a seus colegas, a si mesmo e à sua reputação.

Certa vez ouvi a história de um pastor que recebeu uma doação de alguns objetos para a igreja. Ele ficara encarregado de separar a encomenda, ficar com parte dela, e o restante deveria ser enviado para outro Campo. Escolheu o melhor para si e endereçou o refugio para a outra região. Dez dias depois, o pastor foi transferido para esse lugar. Moral da história: a Terra gira e nunca se sabe se iremos trabalhar no mesmo lugar e com as mesmas pessoas no futuro. As decisões que tomamos hoje poderão afetar nosso ministério amanhã.

Por isso, é importante sair pela porta da frente e manter a rede de relacionamentos intacta. Sair do distrito ou

da função que desempenhamos, de maneira errada, pode significar a negação de tudo o que foi feito e até acabar prejudicando a nossa imagem daí para frente. Ninguém melhor do que Salomão, o sábio que nem sempre agiu com sabedoria, para nos alertar: “Assim como algumas moscas mortas podem estragar um frasco inteiro de perfume, assim também uma pequena tolice pode fazer a sabedoria perder todo o valor.” (Ecl. 10:1, BLH).

Deixar para trás tudo o que foi realizado, separar-nos das pessoas com as quais temos convivido por um tempo considerável pode desencadear uma enxurrada de sentimentos que precisam ser bem administrados. Anne Hartman, presidente da consultoria americana *Carrer Investment Strategies Inc.*, dá alguns conselhos a executivos que deixam suas empresas. Esses conselhos, adaptados à vida ministerial, podem ser úteis para driblar as emoções e enfrentar uma transferência de cabeça erguida.

Emoções e antídoto

Raiva – O pastor manifesta grande vontade de falar umas verdades ao chefe insuportável, antes de deixar o lugar de trabalho.

Antídoto – A lembrança de que o chefe tem uma importante arma nas mãos, uma referência sobre o pastor, pode ajudá-lo a refletir melhor sobre o assunto.

Ciúme – Quando a notícia de uma transferência para um distrito aparentemente melhor, ou de uma nomeação para um cargo importante se espalha, os colegas próximos ou alguns irmãos podem começar a agir mais friamente, ou falar que estamos fazendo carreira.



Antídoto – Eles tendem a pensar que os estamos abandonando. Deixemos claro para eles que o nosso relacionamento vai além do ambiente ou lugar de trabalho.

Alguns dias depois que um pastor distrital fora indicado para um cargo na Associação, uma irmã, membro da sua congregação, o procurou e lhe disse: “Pastor, quando eu o encontrar, daqui a algum tempo, espero vê-lo com a mesma humildade que o caracterizou até hoje.” Se somos chamados a desempenhar uma tarefa que requer maior esforço, é bom lembrar que não estamos recebendo uma “promoção”. Simplesmente estão nos confiando um cargo de maior responsabilidade. Caso voltarmos à função anterior, não devemos torturar-nos, nem perder preciosos minutos de sono com a idéia de que estamos sendo punidos.

Paulo aconselha a seguir o princípio de trabalhar “não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus; servindo de boa vontade, como ao Senhor, e não como a homens, certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor” (Efé. 6:6-8).

Alegria – A nova proposta de trabalho é maravilhosa e comemoramos a notícia. Depois de receber a confirmação da transferência, nossos lábios se enchem de expressões de gratidão ao Senhor.

Antídoto – É melhor dissimular a emoção que sentimos. Tanta satisfação pode pegar mal. A euforia, nesse momento, pode sinalizar desprezo e falta de consideração para com a igreja e os nossos colegas. Evitemos expressões tais como: “Há muito tempo eu estava merecendo isto”; ou “finalmente a Igreja reconheceu o meu valor.” O valor de um pastor não depende do distrito ou do lugar de trabalho. Seu valor intrínseco está relacionado ao preço que já foi pago por ele, as motivações que o movem e com a maneira como desempenha sua função pastoral.

Na atividade ministerial, temos que avançar muitas vezes por uma linha estreita que separa a necessidade imperiosa de crescer do pernicioso desejo de subir. O pastor que busca desenvolver-se não olha para o lugar de trabalho nem faz comparações com seus colegas. Ele compete consigo mesmo, e sua preocupação é ser cada dia melhor, sem se preocupar em ser o melhor.

Aborrecimento – É típico do pastor que se sente mal-humorado, abatido e sem energia; e que anda quase se arrasando pelas igrejas nas últimas semanas de trabalho, ou mesmo no dia em que a assembléia confirmou seu afastamento do cargo. Ele corre e tira todos os seus pertences do escritório, para não deixar lembranças, ou, pior ainda, some da presença dos colegas para ocultar sua tristeza.

Antídoto – Queremos ser lembrados como o pastor que abateu o ânimo e se desmotivou ao mudar de função? Não nos comportemos como derrotados. Trabalhemos com afincamento e disposição até o último momento. É o caráter e não a posição o que determina o destino do homem. “Se a porta estiver fechada, de você venha a primeira chave. Se o vento sopra frio, que o calor de sua lareira seja a primeira proteção e o primeiro abrigo. Se o pão for apenas massa e não estiver cozido, seja você o primeiro forno para transformá-lo em alimento”, disse Antônio Basque.

Tristeza – Acomete aquele pastor que anda melancólico e saudosos, quando em dúvida se seu chamado vem ou não de Deus. É risível a história daquele pastor que no dia da sua nomeação para o departamento, ao ser interrogado sobre o que a esposa achava a respeito, respondeu sem tê-la consultado: “ela sempre aceitou a vontade de Deus.” Tempos depois, ao ser consultado sobre a possibilidade de voltar ao distrito, disse: “preciso ouvir a opinião de minha esposa.”

Antídoto – Toda vez que um pastor é transferido, deve se sentir grato a Deus, porque está iniciando uma nova oportunidade. O Senhor está lhe dizendo que confia nele, ao outorgar-lhe uma oportunidade diferente. A tristeza momentânea não deve ser motivo de preocupação.

Deus tem um homem para cada trabalho, e muitas vezes um trabalho específico para cada homem. Ou somos o homem certo para a hora certa, ou recebemos a tarefa certa para o homem certo.

Quando um pastor é transferido, tanto na igreja como em seu coração deve ficar o sabor agradável do dever cumprido. “Quando o supremo Pastor Se manifestar, receberemos a coroa da glória que nunca perderá o seu brilho” (1 Ped. 5:4, BLH).✓

A outra face das dívidas



ELCIAS CAMARGO

*Tesoureiro da Associação
Central-Amazonas, Brasil*

Certo rei inquiriu de um sábio: "Por que, sendo sábio, vives uma vida de pobreza, ao ponto de possuir apenas uma roupa?" O sábio então respondeu: "Para que preciso de mais de uma roupa, se tenho apenas um corpo?"

Extremismo à parte, o fato é que na sociedade de consumo na qual estamos inseridos, são-nos apresentadas e sugeridas muitas supostas necessidades, através da filosofia materialista da vida. As coisas materiais são postas em evidência de tal maneira que passamos a nos sentir insatisfeitos com o que temos.

No mundo capitalista, somos diuturnamente bombardeados por todos os lados e meios com tantas opções de gastos que, na maioria das vezes, nos tornamos consumidores compulsivos, sem perceber. Conheço o caso de alguém que, indo ao supermercado, viu junto à prateleira do sal o seguinte aviso: "Quantidade máxima por cliente, três quilos." Achando que o produto iria faltar no comércio, levou para casa os três quilos que lhe eram permitidos, sem que necessitasse deles. Podemos imaginar quanto tempo durou o produto?

Imperceptivelmente, a mídia exerce tamanha influência sobre nós, que, muitas vezes, compramos coisas supérfluas em quantidade excessiva.

A Bíblia mostra o resultado do afastamento dos princípios de economia nela mencionados. A pessoa se sente insatisfeita com o que possui, corre atrás de bens ou coisas que seu orçamento finan-

ceiro não permite, e mesmo que seja imprudente contrair pesadas dívidas, recorre a empréstimos que, certamente, tornarão a vida uma verdadeira penúria, devido aos pesados juros financeiros.

Não somos contrários à aquisição de determinados bens, se isso é feito dentro das condições compatíveis com o ganho. Muitas vezes, na troca do carro



usado por um novo, pagamos tanto juízo que, além de representar uma sangria no orçamento, ao terminar de pagar, temos que trocá-lo novamente, entrando num círculo vicioso. Tais recursos, aplicados de outra maneira, poderiam ser mais úteis. Devemos notar que falamos de aplicar o dinheiro, porque não é aconselhável contrair dívidas para aquisição de bens de consumo.

Os riscos do crediário

Entre as facilidades que o capitalismo, através da sociedade de consumo apresenta, está o crediário. Ainda que o consumidor não tenha dinheiro, poderá satisfazer a necessidade de consumo, despertada pela mídia, mesmo que o objeto custe mais caro do que se fosse comprado à vista. Como corolário do crediário, surgiram o cartão de crédito, o cheque especial e o cheque pré-datado.

Diante dessas facilidades, o comerciante sente-se impelido a entrar no jogo, pois, caso contrário, suas chances de competir seriam quase nulas. Por isso, correndo algum risco e procurando ter alguma garantia oferecida pelo comprador, lança-se no mercado em busca de sobrevivência econômica. Nota-se que, tratando-se de crediário, geralmente existe uma financeira envolvida, a qual tem seus meios de obter o adimplemento do débito. Normalmente, diante de algum atraso, ocorrem altas taxas de juros. O comprador compulsivo torna-se assim um escravo de seus próprios negócios. A Bíblia já disse: "O que toma emprestado é servo do que empresta" (Prov. 22:7).

Cartão e cheque especial

O cartão de crédito e o cheque especial são simplesmente um certo montante que o usuário pode utilizar. No caso do cartão de crédito, grande facilitador de compras, todo cuidado deve ser tomado no sentido de que haja provisão de recursos na data do vencimento. A transação só é vantajosa se não recair qualquer tipo de juros sobre ela. Deve-se evitar a compra parcelada

no cartão com juros, bem como financiar o saldo, pagando o valor mínimo exigido.

Existem casos em que o parcelamento é feito pela própria loja, debitado em parcelas no cartão sem a incidência de juros. Por outro lado, se não houver provisão de recursos na ocasião do vencimento, normalmente se paga o valor mínimo, recaindo pesados juros que podem comprometer qualquer orçamento.

O cheque especial gera cobrança de juros toda vez que é utilizado. Ressalte-se que existem bancos que permitem o uso de alguns dias por mês, sem que sejam devidos juros; porém, ultrapassando o limite, paga-se desde o início. Além de exigir contrapartida em outros serviços oferecidos pelo Banco pa-



Foto: William

ra que a conta seja mantida, assim como um determinado saldo médio.

Cheque pré-datado

No caso do cheque pré-datado, recurso muito utilizado, o emitente fica à mercê do vendedor. Porque sendo uma ordem de pagamento à vista, o cheque pré-datado é um simples acordo de cavalheiros entre os envolvidos, no qual o emitente confia que o vendedor irá honrar o trato feito em apresentá-lo ao Banco somente na data combinada.

Entretanto, o portador do cheque pode lançar mão dele a qualquer hora. E o Banco não está obrigado a rejeitá-lo, somente pelo fato de apresentar um data posterior àquela em que lhe for apresentado. Isso certamente trará grandes danos ao emitente. Mesmo isento de tal risco, deverá estar atento para que, na data certa, existam fundos suficientes para que o compromisso seja cumprido, sem pensar que poderá ser devolvido ou entrar no limite do cheque especial, que irá gerar a cobrança de juros.

Os juros

Devemos ter cuidado com os juros embutidos numa prestação crediária. Por exemplo: Se o valor de uma compra à vista é de R\$ 200,00, numa compra a prazo, em dez pagamentos pode ser de R\$ 300,00. Aparentemente seriam 5% ao mês. Pagos em dez vezes, acrescentariam mais 50% ao valor pago à vista.

Porém, analisemos o fato de que o valor a ser pago em dez parcelas foi amortizado a cada mês. A medida que a dívida vai diminuindo e o valor da parcela é mantido, os juros crescem mês a mês.

Em suma, as facilidades oferecidas tendem a levar os compradores compulsivos a adquirirem bens de consumo além de suas possibilidades orçamentárias, ou fora daquilo que realmente necessitam. Cabe a cada um de nós analisar, pensar e decidir sabiamente quando tivermos que fazer uso de alguns desses facilitadores de compra. Decisões impensadas nesse sentido, já destruíram a paz familiar e a vocação de muitos pastores. ✓

Adão e Cristo



Divulgado

WILSON BORBA

Diretor de Ministério Pessoal e Escola Sabatina da Associação Planalto Central, Brasília, DF

Alguns estudiosos têm visto uma relação muito importante entre Adão e Cristo, propondo que “Adão é um tipo de Cristo, e Cristo é o antítipo de Adão”.¹ Na carta de Paulo aos cristãos romanos (5:12-21), o apóstolo faz um contraste entre Adão e Cristo. Enquanto a condenação é ligada ao primeiro, a justificação do pecador depende do segundo personagem (vs. 12, 17 e 19).

Para Paulo, Adão “é a figura daquele que havia de vir” (vs. 14), a saber, Cristo. A palavra grega traduzida como figura, nesse texto, é *tipos*, que contém a idéia de “imagem, ‘impressão’, um ‘modelo’ que reproduz o aspecto do instrumento usado para fazer tal impressão. Mais tarde, porém, essa palavra veio a ser usada para indicar meramente cópia”.²

Entretanto, o sentido da palavra *tipos* aqui não é de apenas comparação. Em sua primeira carta aos cristãos de Corinto, o mesmo apóstolo, referindo-se a Adão e Cristo, declarou: “Pois as-

sim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante” (I Cor. 15:45).

Em ambos os casos, Cristo corresponde a Adão por contraste. Enquanto por Adão a morte veio para todos os indivíduos, Cristo foi o autor da vida para todos os que creem. Adão e Cristo tornaram-se representantes antitéticos da humanidade. Eles realizaram dois atos: Adão cometeu pecado (Rom. 5:12, 17-19). Cristo fez um ato de justiça na cruz (v. 18).

Dois “Adões”

Em decorrência desses atos, surgiram dois resultados: Através de Adão, vieram condenação, culpa e morte (vs. 15, 18 e 19). Cristo trouxe justificação, vida e reinado (vs. 17-19). Paulo apresenta três tipos de contraste entre a obra de Adão e a de Cristo. Primeiro, há um contraste de qualidade. A obra de um é toda de pecado; e a do outro, de munificência e graça. Há também o contraste de quantidade no modo de atuar. No caso de Adão, a sentença pronunciada deveu-se à ação de um só homem e teve como resultado uma sentença de condenação. No caso de Cristo, Sua obra teve origem em muitas faltas e teve como resultado uma declaração de perdão e justiça. O terceiro contraste é de épocas. Como Adão, por seu pecado, determinou o caráter da presente época, Cristo tem determinado o caráter da época porvir. Essa mesma ênfase escatológica é indicada na descrição de Cristo como “Aquele que havia de vir” (Rom. 5:14).

“Em sua relação com o primeiro Adão o homem nada recebe dele senão culpa e sentença de morte. Mas Cristo dá um passo à frente e passa pelo terreno em que Adão caiu, suportando cada

prova em favor do homem. Ele redime a infeliz queda e o fracasso de Adão, saindo ileso da prova. Esse fato coloca o homem em posição de vantagem diante de Deus. coloca-o onde, mediante a aceitação de Cristo como seu Salvador, ele se torna participante da natureza divina. Desse modo, o homem fica ligado com Deus e com Cristo.”³

“O segundo Adão [Cristo] era um Agente moral livre, responsável por Sua conduta. Cercado por influências intensamente sutis e enganadoras, Sua situação era muito menos favorável para viver uma vida santa sem pecado, do que a do primeiro Adão. Todavia, em meio a pecadores, Ele resistiu a toda tentação ao pecado e manteve Sua inocência. Ele permaneceu sem pecado.”⁴

“Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens porque todos pecaram.” (v. 12). Tem-se debatido muito essa passagem bíblica. A diferença de opinião entre os comentaristas é explicada, principalmente, em virtude de procurarem usar essa passagem para um fim diferente daquele pretendido por Paulo. A principal meta do apóstolo parece que foi destacar os abarcentes resultados da obra de Cristo, comparando e contrastando as conseqüências de seu ato de justificação com o efeito do pecado de Adão”.⁵

Três principais posições a respeito da afirmação paulina de que todos os homens pecaram merecem nossa atenção.

Posição pelagiana

Primeiramente, existe a posição pelagiana. Pelágio, teólogo das Ilhas Britânicas, no início do século 5, cria que Romanos 5:12 mostra que todo ser humano nasce sem pecado, mas torna-se

pecador porque imita a queda de Adão. Segundo ele, “crianças recém-nascidas são sem pecado”.⁶ Parafraseando a idéia do monge britânico, Herbert Kiessler, Pelágio escreveu que “ninguém nasce espiritualmente decaído ou culpado. A pessoa só se torna culpada quando resolve pecar. Todos os seres humanos têm o poder de decidir não pecar, e de pôr essa decisão em prática. A graça facilita a escolha do que é correto, mas as pessoas têm o poder, em si e por si mesmas, de fazer o que Deus ordena”.⁷ Assim, ainda segundo Pelágio, “embora Adão tenha encabeçado a rebelião humana, seu pecado em nada afetou nossa capacidade de decidir segui-lo ou não em nossa rebelião”.⁸

Os escritores bíblicos não participam dessa visão a respeito da natureza humana. O pecado é apresentado não apenas como ato, mas como um estado de cada indivíduo desde o seu nascimento. “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe”, diz Davi (Sal. 51:5). Tal situação não melhora por si mesma, pois “enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jer. 17:9).

Conceito agostiniano

Por outro lado, Agostinho de Hipona (354-430) apresentou outro extremo de interpretação, afirmando que Adão, sendo o cabeça da raça humana, ao pecar, deixou todos os homens culpados de seu próprio pecado. Ele via a expressão “porque todos pecaram” como sendo “porque todos pecaram em Adão” e, portanto, são culpados do pecado de Adão. Sua teologia a esse respeito é bem sintetizada por Clifton Allen, segundo quem Agostinho “desenvolveu a sua doutrina do pecado original entendida como culpa herdada, e o resultado foi um quadro lúgubre de infantes não batizados no limbo”.⁹

Nesse assunto, a igreja Católica Romana segue a doutrina de Agostinho, mas não sem discordâncias internas: “A idéia de que os descendentes de Adão são automaticamente pecadores por causa do pecado de seu antepassado, e que já são pecadores quando vêm ao mundo é estranha às Sagradas Escrituras”.¹⁰

Para o erudito Karl Kertelge, “a idéia de um pecado herdado é antes ex-

cluída que sugerida por esta frase (Rom. 5:12), pois, sob o ponto de vista gramatical, ela também não pode ser referida diretamente a Adão. No que concerne a todo o versículo doze, seria preferível falar de uma ‘morte herdada’ a falar de um ‘pecado herdado’”.¹¹

O conceito agostiniano influenciou Lutero e Calvino, no século 16. Este último desenvolveu o conceito da culpa original, ensinando que a única solução seria a graça irresistível de Cristo; uma predeterminação para a salvação.

A doutrina da culpa herdada por causa do pecado de Adão é também estranha às Escrituras (ver Deut. 24:16; Jó 19:4; Prov. 9:12; Heb. 31:30; Eze. 18:20). Esses e outros textos afirmam que a responsabilidade é pessoal, “assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus” (Rom. 14:12).

“Não nascemos
culpados do pecado
de Adão.
Só nos tornamos
culpados
quando resolvemos
pecar.”

O pensamento de Paulo

Evitando o extremo pelagiano que afirma em nada ter sido afetada a natureza humana pela queda de Adão; igualmente evitando o extremo agostiniano que sobrecarregou a humanidade com as culpas de Adão, não podemos ignorar as palavras do apóstolo Paulo: “Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornaram justos” (Rom. 5:19).

Segundo Champlin, “o que é indiscutível é que o apóstolo Paulo pelo menos ensinava aqui que a tendência para o pecado é uma característica herdada; e sem se importar se a morte é con-

siderada como consequência da culpa herdada, ou como pena imposta contra nossa própria transgressão individual, o fato é que isso se deve a Adão, pois nele todos morrem, conforme também vemos em I Cor. 15:22”.¹²

Mais do que tratar da origem do pecado, o apóstolo aponta as suas consequências universais. Dessa forma se estabelece um paralelo muito forte, um só homem – todos os homens. O verso 19 apresenta o fato de que pelo pecado de um muitos foram feitos pecadores, pela razão dada no verso 12.

O contraste está em que, pela obediência de Cristo, muitos serão feitos justos. A primeira classificação é genérica, a segunda é individual. Todos são natural e vitalmente um com Adão; mas apenas o crente é moral e espiritualmente um com Cristo.

Solidariedade

Uma colaboração é dada ao assunto sob o tema da solidariedade humana. Há duas espécies de solidariedade no contexto. A primeira, é no primeiro Adão, em quem “todos morrem” (I Cor. 15:22). Não somos culpados do pecado de Adão, mas todos somos envolvidos nas consequências desse pecado. Isso quer dizer, não culpa original, mas consequência do pecado.

É necessário, porém, enfatizar a distinção entre condenação e culpa. Kiessler vai ao ponto, dizendo: “Há importante distinção entre condenação e culpa. A criança que nasceu com Aids está condenada a morrer da doença que herdou dos pais, mas não é culpada de algum pecado cometido por eles. Nós nascemos com a decaída natureza de Adão, que não pode viver na presença de Deus. Nesse sentido, nós nascemos sob condenação. Mas não nascemos culpados do pecado de Adão. Só nos tornamos culpados quando resolvemos pecar.”¹³

De acordo com esse pensamento, Ellen White já afirmara ser “inevitável que os filhos sofram as consequências das más ações dos pais, mas não são castigados pela culpa deles, a não ser que participem de seus pecados”.¹⁴

Percebe-se claramente que há um estreito vínculo entre Adão e o resto da humanidade. Segundo Bruce, “para o apóstolo Paulo, Adão era sem dúvida um indivíduo histórico, o primeiro homem. Mas era mais; era o que o seu nome significa em hebraico:

humanidade. A humanidade inteira é vista como tendo originalmente pecado em Adão".¹⁵

A idéia de Adão ser o representante da humanidade é bíblica; porém, há o perigo de diluir sua culpa e dividi-la com cada indivíduo. A tentativa de dizer que as conseqüências do pecado de Adão sobre seus descendentes "foi efeito de nossa união corporativa com o primeiro Adão, cabeça física e moral da raça humana",¹⁶ tem seu aspecto correto, mas deve ser tratada com cuidado, pois facilmente desemboca no conceito da transferência da culpa do pecado original. O conceito de culpa corporativa só é válido quando o corpo está completo, e não apenas quando há a cabeça, pois embora Adão fosse a humanidade em potencial, ele não era a humanidade. O aspecto positivo do conceito de solidariedade é o mais atraente.

A obra de Cristo

Jesus Cristo inaugurou a nova solidariedade humana, "porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo" (I Cor. 15:22). "Adão não poderia transmitir à sua posteridade aquilo que não possuía; e não poderia haver esperança alguma para a raça decaída, se, pelo sacrifício de Seu Filho, Deus não houvesse trazido a imortalidade ao seu alcance. Ao passo que 'a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram', Cristo trouxe à luz a vida e a incorrupção pelo evangelho".¹⁷

Adam Clark lembra que Paulo estava alertando para o fato que "agora, se os judeus não permitissem aos gentios algum interesse em Abraão, por não serem descendentes naturais dele, precisavam aceitar que os gentios são os descendentes de Adão, como também eram eles mesmos, e sendo todos igualmente envolvidos nas conseqüências de seu pecado... e ambos foram envolvidos nas conseqüências do livre dom de Deus em Cristo".¹⁸

A obra de Cristo foi um ato de amor da parte de Deus (João 3:16; Rom. 5:8; I João 3:16), mas não pode ser definida apenas como um ato. "Foi a revelação do 'mistério encoberto desde tempos eternos'. Foi um desdobramento dos princípios que têm sido, desde os séculos da eternidade, o fundamento do trono de Deus".¹⁹

Para ser o legítimo representante

dos homens perante o Universo, revelar o Pai à humanidade e redimir os pecadores, o Filho de Deus tornou-Se carne e habitou entre nós (João 1:14). "Cristo foi tratado com nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados por Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos cabia, para que recebêssemos a vida que a Ele pertencia".²⁰

Temos apenas duas escolhas: pertencer ao grupo da humanidade cujo destino é determinado por Adão, ou pertencer ao grupo cujo destino é determinado por Cristo.

Ao oferecer o primeiro sacrifício, Adão tremeu com o pensamento de que seu pecado deveria derramar o sangue do Cordeiro de Deus.

Devemos lembrar que o próprio Adão se arrependeu do seu pecado. Ele aceitou a Cristo como Senhor e Salvador. "As ofertas sacrificiais foram ordenadas por Deus a fim de serem para o homem uma perpétua lembrança de seu pecado, e um reconhecimento de arrependimento do mesmo, bem como seriam uma confissão de sua fé no Redentor prometido. Destinavam-se a impressionar a raça decaída com a solene verdade de que foi o pecado que causou a morte. Para Adão, a oferta do primeiro sacrifício foi uma cerimônia dolorosíssima. Sua mão deveria erguer-se para tirar a vida, a qual unicamente Deus podia dar. Foi a primeira vez que testemunhava a morte, e sabia que se ele tivesse sido obediente a Deus não teria havido morte de homem ou animal. Ao matar a inocente vítima, tremeu com o pensa-

mento de que seu pecado deveria derramar o sangue do imaculado Cordeiro de Deus. Esta cena deu-lhe uma intuição mais profunda e vívida da grandeza de sua transgressão, que coisa alguma a não ser a morte do amado Filho de Deus poderia expiar. E maravilhou-se com a bondade infinita que daria tal resgate para salvar o culpado. Uma estrela de esperança iluminou o futuro tenebroso e terrível, e o aliviou de sua desolação geral."²¹

Graças a Cristo, Adão será reintegrado ao jardim de onde foi expulso. Ele e uma inumerável multidão de seus descendentes viverão eternamente em glória, na Nova Terra. Eis como Ellen White descreve as cenas finais do drama do pecado: "Os dois Adões estão prestes a encontrar-se. O Filho de Deus Se acha em pé com os braços estendidos para receber o pai de nossa raça – o ser que Ele criou e que pecou contra o seu Criador, e por cujo pecado os sinais da crucifixão aparecem no corpo do Salvador. Ao divisar Adão os sinais dos cruéis cravos, ele não cai ao peito de seu Senhor, mas lança-se em humilhação a Seus pés, exclamando: 'Digno, digno é o Cordeiro que foi morto!'... A família de Adão associa-se ao cântico e lança as suas coroas aos pés do Salvador, inclinando-se perante Ele em adoração."²² ✓

Referências:

1. Anders Nygren, *Commentary in Romans*, pág. 128.
2. Russel Norman Champlin, *O Novo Testamento Interpretado*, vol. 3, pág. 658.
3. *Comentario Bíblico Adventista del Septimo Dia*, vol. 6, pág. 1.074.
4. *Ibidem*.
5. *Idem*, pág. 525.
6. Herbert Kiesler, *A Carta aos Romanos*, Casa Editora Brasileira, pág. 61.
7. *Ibidem*.
8. Aecio Cairus, *La Epístola a los Romanos*, Universidad Adventista del Plata, pág. 53.
9. *Comentário Bíblico Broadman*, vol. 10, pág. 233.
10. Jack W. Mac Gorman, *Romanos el Evangelio Para Todo Hombre*, pág. 82.
11. Karl Kelterge, *A Epístola aos Romanos*, vol. 6, Editora Vozes, pág. 111.
12. Russel Norman Champlin, *Op. Cit.*, pág. 656.
13. Herbert Kiesler, *Op. Cit.*, pág. 63.
14. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, pág. 306.
15. F. F. Bruce, *Romanos, Introdução e Comentário*, Edições Vida Nova, pág. 108.
16. Matthew Henry, *Hechos, Romanos, I Coríntios*, Editora Terrasa, Barcelona, pág. 277.
17. Ellen White, *O Grande Conflito*, pág. 533.
18. Adam Clark, *Clark's Commentary Romans-Revelation*, vol. 6, pág. 69.
19. Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 22.
20. *Idem*, pág. 25.
21. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, pág. 68.
22. _____, *O Grande Conflito*, págs. 647 e 648.

Compreendendo Ellen White



Divulgação

ALBERTO R. TIMM

Diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White do Brasil, Centro Universitário Adventista, Engenheiro Coelho, SP

Os adventistas do sétimo dia escreveram extensivamente sobre Ellen White ao longo de sua história de aproximadamente 150 anos. A grande maioria desses escritos tencionava provar a natureza autêntica do seu dom profético ou defendê-lo de um amplo espectro de críticas, como acusações de erros históricos, plágio, transes psicológicos e distorções teológicas.

As discussões a respeito dessas questões, do lado positivo, ajudaram significativamente nosso povo a compreender a função e os escritos de Ellen White. A fé de muitos membros da Igreja foi fortalecida. Do lado negativo, as discussões levaram muitos eruditos e ministros adventistas a uma abordagem a esses escritos mais focalizada em questões controversas.

O propósito do presente artigo é considerar brevemente a necessidade de (1) se reconhecer o perigo de tal

abordagem focalizada em questões controversas, (2) de se deixar de lado as questões periféricas para enfatizar o âmago da mensagem de Ellen White, (3) de se compreender os grandes temas de sua mensagem, e (4) de se viver em conformidade com essa mensagem.

Abordagem perigosa

Os eruditos e os pastores adventistas precisam estar bem informados a respeito das principais críticas levantadas contra o dom profético de Ellen White, de modo que, sempre que necessário, possam responder às questões de forma adequada. Mas eles deveriam também estar cientes dos riscos envolvidos na tarefa de responder a essas questões.

Um dos riscos é a tentação de se gastar tanto tempo com o lado negativo da específica questão, que a beleza da mensagem relacionada com ela acabe sendo perdida. Isso pode ocorrer pelo fato de que algumas das questões mais complexas e especulativas requerem um processo quase infinito de busca de uma solução para o problema. Existem também mistérios nos escritos divinamente inspirados que nunca serão plenamente compreendidos pela mente humana.¹

Outro risco é a forte tendência de uma abordagem aos escritos de Ellen White, focalizada em questões controversas, acabar se transformando em uma ênfase apologético-legalística. Como as preocupações apologéticas do período pré-1888 acabaram levando muitos adventistas a uma abordagem legalística, assim as discussões modernas acerca das técnicas dos escritos de Ellen White podem gerar uma

investigação desses escritos destituída de vida. Alguns podem até mesmo concluir seus estudos com a impressão distorcida de que o propósito principal desses escritos é criticar e corrigir a vida dos outros.

Uma abordagem aos escritos de Ellen White focalizada em questões controversas pode distorcer também a compreensão do leitor a respeito do equilíbrio temático geral desses escritos. Um sério problema é gerado quando questões secundárias e assuntos periféricos substituem o estudo dos temas centrais desses escritos. Isso gera um paradigma distorcido pelo leitor, que ignora em grande parte o propósito da própria escritora.

Da periferia ao centro

Algumas pessoas se interessam muito por detalhes da vida pessoal de Ellen White. Outras se preocupam mais com a mecânica de sua inspiração e com o seu estilo literário. Ainda outras se especializaram em encontrar nos escritos dela respostas a todo tipo de questões. Mas esse conhecimento é útil apenas na proporção em que ajuda a fortalecer a fé pessoal no escopo mais amplo da mensagem. Quão lamentável é o fato de que existem pessoas mais preocupadas com as questões relacionadas com esses escritos do que com a própria mensagem neles proclamada.

Existem também aqueles cujo principal interesse gravita em torno de certos tópicos específicos dos escritos de Ellen White. Assuntos como a escatologia, a reforma de saúde, a perfeição e a natureza de Cristo durante a encarnação têm sido identificados por eles como o âmago de seus escritos. Seus ensi-

nos sobre esses assuntos são deveras esclarecedores, mas qualquer intérprete honesto de Ellen White jamais aceitará o reducionismo do “princípio da amplitude”, pelo qual a amplitude da sua mensagem é reduzida a um tema apenas. Jamais deveríamos permitir que questões periféricas e doutrinas isoladas nos absorvam de tal forma que percamos de vista os grandes temas de sua mensagem.

Aceitar a orientação profética de Ellen White significa, em realidade, muito mais que vindicá-la das críticas ou expor alguns aspectos de sua mensagem. Significa enaltecer o impulso geral da sua mensagem, permitindo que cada tema desempenhe seu papel específico dentro do amplo escopo temático da mensagem.

O conceito de Vern S. Poythress a respeito de uma “teologia sinfônica” de múltiplas perspectivas² pode contribuir para uma melhor compreensão da mensagem de Ellen White. Ao invés de termos muitos solos temáticos, seria muito mais elucidativo e enriquecedor se tais solos fossem unidos em uma sinfonia temática que preservasse a beleza da intenção original da autora. Isso pode parecer uma tarefa desafiadora, mas seria a maneira mais apropriada de compreender a mensagem de Ellen White.

Tal estudo abrangente da mensagem de Ellen White não afasta necessariamente da Bíblia qualquer pessoa. Permitir que esses escritos cumpram a sua função básica – de chamar “a atenção à Bíblia”, auxiliar “na compreensão da Bíblia” e ajudar “a aplicar os princípios bíblicos na nossa vida”³ – nos levará, em realidade, a uma melhor apreciação da verdade bíblica.

Temas fundamentais

Embora Ellen White (à semelhança de Martinho Lutero e João Wesley) jamais tenha sistematizado realmente os seus conceitos teológicos, várias de suas declarações fornecem lampejos úteis para tal sistematização.⁴ Consideraremos brevemente, na apresentação que segue, a sua interpretação de temas fundamentais como Deus, o conflito cósmico, o concerto eterno, o santuário, as três mensagens angélicas e o remanescente.⁵ Tenho plena convicção de que suas exposições sobre esses temas são muito úteis para a compreensão da mensagem bíblica.

Deus como o centro originador. Ellen White fala a respeito de Deus como “o grande centro” do qual “toda a vida procede” e ao qual “pertencem todo o serviço, homenagem e lealdade” (cf. Atos 17:24-28).⁶ Sua percepção de Deus como o centro é um conceito dinâmico que se desdobra das três pessoas da Divindade⁷ para a Sua obra de redenção. Dessa forma, ela qualifica como centro não apenas a Divindade mas também Cristo e Seu sacrifício expiatório.

Falando a respeito da posição de Cristo dentro do amplo espectro da mensagem adventista, a Sra. White afirma que “a verdade para este tempo é ampla em seus contornos, de vasto alcance, abrangendo muitas doutrinas; estas, porém, não são unidades destacadas, de pouca significação; são unidas por áureos fios, formando um todo completo, tendo Cristo como o centro vivo.”⁸

A mensagem de Ellen White não terá nenhum efeito, se não nos levar a Cristo.

A respeito da obra expiatória de Cristo, a mesma autora assevera que “Jesus Cristo, e Este crucificado” é o “grande interesse central”.⁹ A cruz do Calvário é considerada como “o grande centro”¹⁰ e a expiação, como “a grande essência, a verdade central”.¹¹ Ela explica que “a cruz deve ocupar um lugar central porque ele é o meio da expiação da raça humana e pela influência que ela exerce em todas as partes do governo divino”.¹²

O grande conflito cósmico como a moldura. Todo o drama da existência humana é colocado por Ellen White dentro da moldura do grande conflito entre Deus e Satanás, e as disputas corolárias entre o bem e o mal, a verda-

de e o erro, e aqueles que servem a Deus e aqueles que seguem a Satanás (Apoc. 12).

Orientando o estudante das Escrituras, ela afirma que ele “deve aprender a ver a Palavra como um todo, e bem assim a relação de suas partes. Deve obter conhecimento de seu grandioso tema central, do propósito original de Deus em relação a este mundo, da origem do grande conflito, e da obra da redenção. Deve compreender a natureza dos dois princípios que contendem pela supremacia, e aprender a delinear sua operação através dos relatos da História e da profecia, até à grande consumação. Deve enxergar como este conflito penetra em todos os aspectos da experiência humana; como em cada ato de sua vida ele próprio revela um ou outro daqueles dois princípios antagônicos; e como, quer queira quer não, ele está mesmo agora a decidir de que lado do conflito estará.”¹³

O concerto eterno como a base. Ellen White explica que no contexto deste grande conflito, Deus salva os seres humanos por meio do Seu concerto eterno de graça. Ela declara que “a salvação da raça humana sempre fora objeto de consideração nos concílios do Céu. O concerto de misericórdia fora feito antes da fundação do mundo. Existiu por toda a eternidade, e é chamado de misericórdia. Tão certo como nunca houve um tempo em que Deus não existisse, nunca houve também um momento em que não fosse o deleite da Mente Eterna manifestar Sua graça à humanidade”.¹⁴

Considerando os concertos bíblicos como passos progressivos no desenvolvimento do concerto eterno da graça de Deus, Ellen White pode manter um relacionamento tipológico bem equilibrado entre o velho e o novo concertos.¹⁵ O concerto do Sinai, por exemplo, foi considerado por ela como tendo o propósito de restaurar os princípios do concerto eterno feito anteriormente com Abraão, permitindo que os israelitas vissem “sua índole pecaminosa e necessidade de perdão” e sentissem “que necessitavam do Salvador revelado no concerto abraâmico e prefigurado nas ofertas sacrificiais”.¹⁶

O concerto eterno da graça de Deus foi descrito pela mesma autora como encontrando a sua expressão típica nos sacrifícios terrenos do Antigo Testamento (cf. Êxo. 25:8) e a sua expressão



Eric

antípica no santuário celestial do Novo Testamento (cf. Heb. 8 e 9).¹⁷

O santuário como motivo organizador. Analisando-se os escritos de Ellen White, pode-se ver que ela considerava o santuário como algo mais amplo e bem mais abrangente do que uma simples doutrina entre outras. Ela, em realidade, identificou o santuário como o motivo organizador da verdade bíblica, ao declarar que “desde a criação e queda do homem até ao tempo presente, tem havido um contínuo desenrolar do plano de Deus para a redenção, por meio de Cristo à raça caída. O tabernáculo e o templo de Deus na Terra tinham por modelo o original no Céu. Em volta do santuário e seus serviços reuniam-se misticamente as grandes verdades que se deviam desenvolver através de sucessivas gerações”.¹⁸

O término das 2.300 tardes e ma-

nhãs de Daniel 8:14, em 1844, era reconhecido pela Sra. White como o ponto de partida tanto da purificação do verdadeiro santuário, no Céu, como da final restauração do sistema de verdades bíblicas conectadas com o santuário, na Terra. Ela esclareceu que a compreensão do santuário pelos primeiros adventistas observadores do sábado “revelou um conjunto completo de verdades, ligadas harmoniosamente entre si, mostrando que a mão de Deus dirigira o grande movimento do advento e apontara novos deveres ao trazer a lume a posição e obra de Seu povo”.¹⁹

Ela considerava “a compreensão correta do ministério do santuário celestial” como “o alicerce de nossa fé”,²⁰ pelo fato de que “o santuário no Céu é o próprio centro da obra de Cristo em favor dos homens. Diz respeito a toda alma que vive sobre a

Terra. Patenteia-nos o plano da redenção, transportando-nos mesmo até ao final do tempo, e revelando o desfecho triunfante da controvérsia entre a justiça e o pecado”.²¹

Mantendo um íntimo relacionamento entre Cristo e o Seu santuário, a Sra. White pode afirmar corretamente que “Cristo, Seu caráter e obra, é o centro e a circunferência de toda verdade. Ele é a cadeia que liga as jóias de doutrina. NEle se encontra o inteiro sistema da verdade”.²² Portanto, o santuário era identificado por ela como o motivo fundamental que organiza as doutrinas bíblicas ao redor de “Cristo como o centro vivo”.²³

As três mensagens angélicas como a proclamação escatológica. Este sistema doutrinário, centralizado em Cristo e organizado pelo santuário, era visto por Ellen White como havendo sido

restaurado no contexto escatológico do tempo do fim pela proclamação das três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12. Ela se referiu metaforicamente a essas mensagens como degraus conduzindo à "sólida plataforma inamovível" da verdade presente.²⁴

Recordando a experiência dos primeiros adventistas observadores do sábado, ela explicou que "muitos viram a perfeita cadeia de verdades nas mensagens [angélicas], e alegremente as receberam em sua ordem, e pela fé seguiram a Jesus no santuário celestial. Estas mensagens foram-me representadas como uma âncora para o povo de Deus. Aqueles que as compreendem e recebem serão preservados de ser varridos pelos muitos enganos de Satanás".²⁵

Que as três mensagens angélicas compreendem embrionariamente os principais componentes do sistema doutrinário adventista é evidente pelo fato de que a Sra. White referiu-se várias vezes àquele sistema em termos daquelas mensagens²⁶ e, mais especificamente, da terceira mensagem angélica.²⁷

O remanescente como o resultado missiológico. A proclamação, pelas três mensagens angélicas, do sistema integrado da verdade presente era visto por Ellen White como suscitando e preparando um povo remanescente para a segunda vinda de Cristo (cf. Apoc. 12:17; 14:12).²⁸

A Sra. White afirmou que "Deus está guiando um povo do mundo para a exaltada plataforma da verdade eterna – os mandamentos de Deus e a fé de Jesus".²⁹ "A terceira mensagem angélica deve realizar a sua obra de separar das igrejas um povo que tomará a sua posição sobre a plataforma da verdade eterna."³⁰

"Almas sinceras verão a cadeia da verdade presente. Elas verão suas harmoniosas conexões, elo após elo unidos em um grande todo, e apegar-se-ão a ela. A verdade presente não é difícil de ser compreendida, e o povo ao qual Deus está conduzindo estará unido sobre esta plataforma ampla e firme."³¹

Aqueles que estão sobre essa plataforma são descritos como protegidos por Cristo no contexto do conflito cósmico (cf. Apoc. 12:17). "O inimigo das almas está determinado a se opor a todos aqueles que firmam os seus pés sobre a plataforma da verdade eterna, que levantam o estandarte

contendo a inscrição: 'os mandamentos de Deus e a fé de Jesus'. Eles são o alvo do ódio mortal de Satanás. Mas esteja seguro de que Cristo pelega com o Seu exército. Ele mesmo conduz os Seus seguidores, e renovará a força de cada fiel soldado."³²

E a mesma autora acrescenta que "a menos que estejamos sobre a elevada plataforma da verdade presente, seremos levados pela maré dos erros enganadores que estão assolando o mundo".³³

Com esses conceitos em mente, podemos sugerir que a ampla estrutura teológica provida pelo inter-relacionamento dos temas anteriormente mencionados parece ser um acurado ponto de partida para o estudo da mensagem de Ellen White.

Viver de acordo com a mensagem

Mesmo compreendendo e enfatizando os grandes temas da mensagem de Ellen White, nos deparamos com o risco de perder de vista o seu propósito principal: levar-nos a uma verdadeira experiência salvífica. A teoria doutrinária é muito importante, mas ela não nos significa absolutamente nada, sem a influência santificadora da verdade sobre a nossa vida pessoal como um todo (João 17:17).

A própria Sra. White adverte a respeito desse problema ao afirmar que "muitos adotam uma religião intelectual, uma forma de piedade, sem que seja purificado o coração".³⁴ "Um homem pode ouvir e reconhecer toda a verdade, e todavia nada conhecer da piedade pessoal e da verdadeira religião experimental. Ele pode explicar o caminho da salvação a outros, e ser todavia um rejeitado."³⁵

Alguns podem estar satisfeitos com tecnicidades sem vida e questões periféricas relacionadas com os escritos de Ellen White, ou mesmo com um conhecimento teórico de sua mensagem. Mas nós deveríamos ir além do nível teórico para uma verdadeira experiência salvífica com Cristo e Seus ensinamentos. De acordo com as palavras da própria Sra. White, "como a flor se volve, para o Sol, para que os seus brilhantes raios a ajudem a desenvolver a beleza e simetria, assim devemos nós volver-nos para o Sol da justiça, a fim de que a luz do Céu incida sobre nós e nosso caráter seja desenvolvido à semelhança de Cristo".³⁶

A compreensão da mensagem de EL-

len White será destituída de proveito para nós se não permitirmos que ela exerça uma influência santificadora em nossa vida. Além do nível teórico, devemos permitir que a sua mensagem nos leve a uma verdadeira experiência santificadora com Cristo e Seus ensinamentos. Se Cristo for o centro de nossa experiência religiosa, nós nos deleitaremos em conhecer mais e mais a Sua vontade como revelada nos escritos de Ellen White. ✓

Referências

- Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, pág. 312; *Caminho a Cristo*, págs. 105-113.
- Vern S. Poythress, *Symphonic Theology: The Validity of Multiple Perspectives in Theology* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1987).
- T. Housel Jemison, *A Prophet Among You* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1955), págs. 364-374; Roy E. Graham, *Ellen G. White: Co-Founder of the Seventh-day Adventist Church*, American University Studies, série 7; Theology and Religion, vol. 12 (Nova Iorque: Peter Lang, 1985), págs. 140-184.
- Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, págs. 63, 250-261; *Evangelismo*, págs. 168-278; *Counsels to Writers and Editors*, págs. 28-32, 52-54.
- Ver Alberto R. Timm, *O Santuário e as Três Mensagens Angélicas: Fatores Integrativos no Desenvolvimento das Doutrinas Adventistas* (Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2000), págs. 239, 252 e 284.
- Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 6, págs. 236 e 237; *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 77; *Obreiros Evangélicos*, pág. 396.
- _____, *Evangelismo*, págs. 613-617; *Seventh-day Answer Questions on Doctrine* (Washington, DC: Review and Herald, 1957), págs. 641-646.
- _____, *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 87; ver também vol. 1, págs. 158, 383-388.
- _____, *Testemunhos Para Ministros*, pág. 331.
- _____, in *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 4, pág. 1173.
- _____, *Evangelismo*, pág. 223.
- _____, *Testimonies for the Church*, vol. 6, pág. 236.
- _____, *Educação*, pág. 190.
- _____, *Meditações Matinais*, 1959, pág. 76.
- _____, *Patriarcas e Profetas*, págs. 363-373; *Review and Herald*, 02/03/1886, pág. 129; *Youth's Instructor*, 18/07/1901, pág. 226.
- _____, *Patriarcas e Profetas*, págs. 371-372.
- _____, *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 23-26; *Cristo em Seu Santuário*.
- _____, *Meditações Matinais*, 1959, pág. 194.
- _____, *O Grande Conflito*, pág. 423.
- _____, *Evangelismo*, pág. 221.
- _____, *O Grande Conflito*, pág. 488.
- _____, *Meditações Matinais*, 1962, pág. 14.
- _____, *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 87.
- _____, *Primeiros Escritos*, págs. 258 e 259.
- Ibidem*, pág. 256.
- Ver *O Grande Conflito*, págs. 311 e 312, 355 e 356, 435-438, 594 e 595, 603-612; *Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 156.
- Ver *Eventos Finais*, págs. 199-202; *Testimonies for the Church*, vol. 5, págs. 206 e 207; vol. 6, pág. 241.
- Ver *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, págs. 384 e 385.
- _____, *Testemunhos Para Ministros*, pág. 29.
- _____, *Testimonies for the Church*, vol. 6, pág. 61.
- Ibidem*, vol. 1, pág. 326.
- Ver *Signs of the Times*, 15/09/1898, pág. 3.
- Ver *Manuscript Releases*, vol. 19, pág. 54.
- Ver *Caminho a Cristo*, pág. 35.
- Ver *Evangelismo*, pág. 682.
- Ver *Caminho a Cristo*, pág. 68.

Vida total



Divulgação

MARCO ANTONIO HUACO BENANCIO

Diretor de Mordomia Cristã, na Missão Andina Central, Peru

Mordomia é um amplo projeto da administração do ser. Envolve o homem biológico (mordomia da vida), o homem psicológico (mordomia da mente), o homem social (mordomia da sociabilidade) e o homem espiritual (mordomia da espiritualidade).

O enfoque parcializado da realidade humana tem dado origem a práticas completamente alheias aos princípios de um estilo de vida cristã. Por exemplo, os espiritualistas vêm na carne ou no corpo, a morada do mal e do pecado; portanto, há um frenesi pelo progresso temporal e o cuidado do corpo. Nada menos que o eco da velha filosofia platônica que polarizava a carne diante do espírito.¹

A concepção do homem em sua dimensão plena, longe de causar em seu interior essa polarização, torna interdependentes todas as facetas do ser. A parte espiritual e a carnal são componentes inseparáveis de um ser: o homem total.² Escrevendo aos cristãos de Tessalônica, Paulo lhes disse: "O mes-

mo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" (I Tess. 5:23).

Santificação completa e total. Santificação de todo o ser. Que significa isso? Jesus é nosso modelo de uma santificação que abarca o homem total e completo: "E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens" (Luc. 2:52). Em outras palavras, santificação da vida intelectual ("crescia... em sabedoria"), santificação da dimensão física ("crescia... em estatura"), santificação da vida social ("crescia... em graça" para com os homens) e santificação da dimensão espiritual ("crescia... em graça" para com Deus).

Segundo as Escrituras Sagradas, "o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel" (I Cor. 4:2). Deus deseja que cada um dos indivíduos que O aceitam como Senhor, seja achado fiel administrador. O que têm eles para administrar? Todo o ser, para a glória de Deus (I Cor. 10:31). A mordomia é um amplo projeto da administração de todo o ser.

A mordomia cristã tradicional estava centralizada nos bens: talentos, tesouros, tempo e templo. Mas a Palavra de Deus a centraliza no homem criado à Sua "imagem e semelhança" (Gên. 1:26). O objeto da mordomia é o homem criado por Deus, o homem separado de Deus, o homem redimido em suas dimensões plenas. Por conseguinte, a mordomia, nas mãos do Espírito Santo, é o instrumento para santificar o homem. Por isso falamos das quatro dimensões vitais da mordomia: a mor-

domia da vida física, mental, social e espiritual.

A partir desse ponto de vista, a mordomia restaura no homem a imagem perdida e o capacita para que seja achado como um fiel mordomo, um fiel administrador.

Mordomia da vida

De que maneira posso permitir que o Espírito Santo governe minha mordomia da vida? Esse aspecto da mordomia compreende a administração da vida física no que respeita a alimentos, vestuário, morada, bem-estar econômico, trabalho, saúde, etc.³ Seria o caso de nos perguntarmos: governa o Espírito Santo nossa dieta, maneira de vestir, moradia e nosso trabalho? Tem sido o evangelho de Cristo o "poder de Deus para a salvação" (Rom. 1:16), em todos esses aspectos da nossa vida física? Temos nos demonstrado humildes em aceitar que Cristo é o Senhor da mordomia da nossa vida?

"E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura" (II Cor. 5:17). As pessoas que são atraídas das trevas para a luz, através da pregação do evangelho, são introduzidas a um novo estilo de vida, o estilo de vida de Cristo. Tornam-se, então, novas criaturas. Observarão com profundo gozo e disposição os princípios que regem sua maneira de comer, vestir, viver e trabalhar. Em todas as coisas glorificarão o Senhor que as salvou.

Mordomia da mente

O novo homem tem agora um "coração novo" (Sal. 51:10). Sua mente também foi alcançada pelo evangelho. Seus pensamentos, sua ideologia, sua

filosofia, sua visão do mundo, sua educação, tudo tem sido tocado e transformado pelo Espírito Santo. Agora, glorifica ao Senhor com a mordomia da sua mente. Como Paulo diz: "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo Se entregou por mim" (Gál. 2:19 e 20).

Seus pensamentos são os pensamentos de Deus. Sua ideologia parte da cruz, e sua maneira de olhar o mundo nasce da revelação divina.

ficar suas relações com os semelhantes, a relação com o cônjuge, as relações com outros membros da família, com os amigos, colegas de trabalho, com os líderes, etc. A mordomia da sociabilidade nos coloca diante da interrogação: Honro a Deus na maneira como trato as demais pessoas?

Mordomia da espiritualidade

O homem nascido de Deus goza comunhão íntima com seu Criador (1 João 1:3). Comunhão essa que o convida a santificar sua espiritualidade, a administrar fielmente esse aspecto da

nancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas" (Jer. (2:13).

Mesmo os que professam ter aceito a Cristo se encontram, muitas vezes, sujeitos à prática formal de uma religião árida, seca e desprovida de sentido. Deus deseja santificar nossa espiritualidade. Anela que sejamos mordomos fiéis, leais administradores da faceta espiritual da nossa vida. Isso envolve o cuidado com as horas de devoção pessoal, adoração, oração, nosso compromisso com a pregação, bem como o desempenho fiel da vocação para a qual fomos chamados.

A espiritualidade, segundo o ponto de vista da mordomia total, capacita o homem para que funcione como uma unidade e não como um ente parcelado.

Fidelidade plena

Em suma, Deus anela santificar o homem por inteiro. Ao resgatar o ser humano e torná-lo uma nova criatura em Cristo Jesus, o redime em sua mordomia da vida, da mente, da sociabilidade e da espiritualidade. Todas essas áreas vitais da experiência humana são fortalecidas na unidade do ser que arrependido e redimido pelo sangue de Cristo, diz como Paulo: "Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim".

Quando nos tornamos filhos de Deus, O reconhecemos como doador de todas as coisas (Sal. 24:1). Então valorizamos os bens que tem colocado à nossa disposição (talentos, tempo, tesouros e templo) para que sejam fielmente administrados para fomentar o desenvolvimento total do homem.

Um enfoque bíblico do homem nos permite considerar tudo o que ele significa como imagem de Deus: um ser completo física, psíquica, social e espiritualmente. A mordomia cristã reconhece que o evangelho transforma, santifica, imprime em nosso ser a imagem de Deus e nos torna novas criaturas em Cristo Jesus.

Essa nova criatura entrega-se plenamente e permite que o Espírito Santo a governe em todas as dimensões da vida. ✓

Referências:

1. Máximo Vicuña Arrieta, *La Resurrección de Muertos*, Universidad da União Peruana, págs. 2 e 3.
2. *Ibidem*, pág. 170.
3. Stephen R. Covey, *Primer lo Primero*, Editora Paidós, Buenos Aires, pág. 61.



Mordomia da sociabilidade

O novo homem também é socialmente santificado. Como afirmou João, "aquele que ama a seu irmão permanece na luz, e nele não há nenhum tropeço" (1 João 2:10). E Paulo reitera: "Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal" (Rom. 12:10). E o próprio Cristo já ordenara antes com maior amplitude: "Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem" (Mat. 5:44).

O homem nascido de Deus é um mordomo fiel quando administra a sua vida social. Nesse campo procura santi-

sua vida. O homem comum, sem Deus, sofre o que os especialistas chamam de "vazio existencial". Essa é uma situação de afastamento de Deus, uma espiritualidade pobre. Ao buscar resolvê-la através de filosofias, costumes, práticas e diversões mundanos, além de narcóticos, o ser humano aplaca apenas temporariamente a necessidade de Deus.

O salmista confessou ter "sede de Deus, do Deus vivo" (Sal. 42:2). O profeta Jeremias descreve essa realidade, explicando-a nas palavras do próprio Deus: "porque dois males cometeu o Meu povo: a Mim Me deixaram, o ma-

A tarefa mais importante



Divulgação

ELVIO R. H. SOTO

*Diretor de Ministério Pessoal na
Associação Argentina Central,
Buenos Aires*

Ao contrário de outras épocas, atualmente existe uma variedade muito grande de técnicas para levar pessoas a Cristo, além da pregação do evangelho através dos púlpitos.

Mas os discursos e as técnicas, sem uma entrega pessoal a Cristo e sem o poder do Espírito Santo operando no coração humano, são como os ossos secos da parábola de Ezequiel. Simplesmente não têm vida. É o Espírito Santo que, tendo morada na mente dos seguidores de Jesus Cristo, os capacita a fim de que se tornem obreiros eficientes na vinha do Senhor. É o Espírito Santo que outorga dons aos homens (Efés. 4:1; I Cor. 12; Rom. 12), transformando-os em canais pelos quais flui abundantemente a graça divina que alcança o indivíduo pecador (Atos 8:26-31).

Esse é o modelo que aparece de maneira bem nítida nos primeiros capítulos do livro de Atos dos Apóstolos. O

grande protagonista das realizações missionárias é o Espírito Santo (Atos 13:1-3; 8:26-29; 16:6 e 7). A presença poderosa do Espírito Santo, Sua natureza e Seu próprio Ser tornava impossível que a igreja não testemunhasse de sua experiência com Cristo.

Feitos do Espírito

Lucas, o grande investigador literário, avança na elaboração do maior manual de instrução missionária, Atos dos Apóstolos, referindo-se com frequência à quantidade de pessoas que foram batizadas como resultado do testemunho dos crentes (Atos 2:41; 4:4; 5:14; 6:7; 9:31; 16:5; 21:20).

A partir da experiência do Pentecostes, o testemunho e a conquista de conversos aconteceram de forma inevitável. O livro de Atos dá testemunho do explosivo crescimento, que é resultado de um permanente envolvimento missionário. Um sumo sacerdote que acusava os líderes da nascente igreja não estava errado quando disse: "... enchestes Jerusalém de vossa doutrina" (Atos 5:28). Afinal, eles não podiam "deixar de falar das coisas" que tinham visto e ouvido (Atos 4:20). Não era necessário que fossem animados a evangelizar. O Espírito Santo estava operando poderosamente entre eles e através deles.

Os milagres

Para os primeiros discípulos, a tarefa de pregar o evangelho a toda nação, tribo, língua e povo, parecia impossível. Iniciar em Jerusalém e chegar até o último rincão da Terra, era algo fora

de qualquer conjectura e racionalização (Atos 1:7 e 8). Experiência semelhante ocorrera muito tempo antes com os israelitas, a congregação de Jeová, momentos antes da travessia do Mar Vermelho. Naquela ocasião, o Senhor disse a Moisés: "Por que clamas a Mim? Dize aos filhos de Israel que marchem" (Êxo. 14:15). Do ponto de vista humano, aquela era uma situação para a qual não havia saída, levando-se em conta que o povo estava acuada entre os exércitos inimigos, na retaguarda, e o mar à sua frente. Mas a ordem era para avançar.

De igual forma, os primeiros cristãos, nos dias apostólicos, tinham diante de si uma tarefa gigantesca, irrealizável. Mas Deus interveio cumprindo a Sua promessa. Os israelitas avançaram pela fé, caminharam e chegaram com os pés até a água. Aconteceu, então, a intervenção divina. "Se houvessem retrocedido quando Moisés ordenou que avançassem, Deus não lhes teria aberto o caminho", diz Ellen White. Por sua vez, Paulo afirmou: "pela fé avançaram" (Heb. 11:29).

Agindo dessa maneira, não apenas demonstraram sua crença na Palavra de Deus, mas também confiança. "Fizeram tudo o que estava em seu poder, e então o Poderoso de Israel dividiu o mar a fim de preparar um caminho para os seus pés." – *Patriarcas e Profetas*, pág. 290.

Tal como no Antigo Testamento, o livro de Atos mostra uma conduta semelhante nos primeiros cristãos. Um grande desafio para um grupo minúsculo de fiéis. Talvez eles não

tenham compreendido a magnitude do mandato, mas reuniram-se para orar (Atos 1:14), no mais extenso encontro devocional registrado na Bíblia. Permaneceram quarenta dias orando, suplicando e clamando a Deus pelo cumprimento da promessa feita por Jesus Cristo. Foi então que a promessa se tornou realidade (Atos 2:1-7). O poder do Espírito Santo foi manifestado e as impossibilidades desapareceram.

Corações consumidos

A paixão pelas almas desenvolvida pela presença do Espírito Santo não apenas é evidente na Igreja primitiva, mas também é vista na era pós-apostólica, entre os valdenses, o protestantismo da Idade Média e os pioneiros da Igreja Adventista.

Esse fogo que consome corações é a marca especial de todas as pessoas, verdadeiramente missionárias, ao longo da História. Salvar os perdidos, para elas, não era uma opção a mais na escala de valores da vida cristã, mas o propósito central da sua vida (Atos 20:24). Era a base ou a coluna vertebral da sua crença e confiança em Deus.

George Whitefield, o famoso evangelista inglês, dizia: “Ó Senhor, dá-me almas ou toma a minha.” Dwight Moody, de Chicago, orava: “Meu Salvador, usa-me para qualquer propósito e em qualquer forma que necessites.”

David Brainerd, um dos nossos mais célebres missionários, afirmou, quando trabalhava entre os pobres e esquecidos índios Delaware: “Não me importa onde vivo nem por quais dificuldades tenho de passar; contanto que ganhe almas para Cristo. Enquanto durmo, sonho com isso. Quando acordo, a primeira coisa em que penso é nesta grande obra.”

A paixão pelos perdidos, que ardia no coração de Charles H. Spurgeon levou-o a preparar uma série de temas com o propósito de apresentar aos estudantes do Seminário Teológico o que ele chamava “o mais régio de todos os ofícios: ganhar almas”. Sob o título “Que é ganhar uma alma?”, ele

diz: “Se Deus me capacitar para isto, tenho-me proposto, meus queridos irmãos, oferecer-lhes um breve curso evangelístico. Ganhar almas é a preocupação principal do ministro cristão; e, por certo, deverá ser a de todo verdadeiro crente. Cada um de nós deveria dizer como Pedro: “Vou pescar”. Como Paulo, nossas metas devem ser “para que de todos os modos salve alguns”. (Como Ganhar Almas, pág. 7).



No tempo presente

Ainda que o registro bíblico mostre o grandioso poder do Espírito Santo, atuando através dos discípulos para dar um espetacular crescimento através do ganho de almas à nascente Igreja, e este tenha sido também o fogo santo que consumiu distintos corações de crentes através da História, pareceria, ao olhar o presente, não ser esta a motivação e prioridade de uma faixa interessante de adventistas. Talvez em alguns outros o coração esteja batendo pelo evangelismo, mas só o faz languidamente.

Além disso, nestes tempos somam-se estatísticas segundo as quais uma porcentagem bastante elevada de fiéis está muito ocupada em distintas tarefas eclesiais ou seculares. Porém, mesmo dentro delas, não se dá o lugar que corresponde à conquista de fiéis. Diante desse panorama e dessa situação, surge naturalmente uma pergun-

ta iniludível: Que avaliação podemos fazer disso?

Caso avaliemos o lento avanço missionário, somado à aparente apatia pelo testemunho e ganho de almas da presente época, e logo o comparemos com a motivação e ação dos crentes de outros tempos, incluindo os pioneiros adventistas, provavelmente o registro espiritual revele uma temperatura espiritual e missionária reduzida.

É preciso reconhecer que a paixão pelas almas não é algo que brota espontaneamente no coração. Ao contrário, é um cultivo que nasce da compreensão do reino de Deus, e de entender que o testemunho não é uma opção, mas o resultado da presença de Cristo, por Seu Espírito, no coração (Gál. 2:20; I Cr. 9:16).

O anseio de Deus

Deus deseja que Seus santos mudem o paradigma e se envolvam por inteiro na conquista de pecadores, conscientes de que batizar não é questão de mera numerologia, mas de pessoas salvas pelo poder do Espírito Santo. Pessoas as quais Deus arrancou das trevas e as levou à luz gloriosa do Seu reino e que agora servem, ante um Universo assombrado, à Sua Igreja e à sociedade.

Deus quer que, neste tempo, o remanescente tenha uma atitude mais positiva diante da missão recebida, sabendo que, para os habitantes do reino dos Céus, ela não significa meros números. Para os crentes da igreja apostólica, e tantos outros através da História, ganhar almas é ver homens e mulheres passarem da morte para a vida eterna com Jesus Cristo.

Finalmente, Deus deseja que, neste tempo, Seus filhos creiam que o Espírito Santo continua sendo o mesmo e mantém intacto todo o poder e vitalidade de outras épocas. Quando nos envolvermos sem reservas na grandiosa e elevada tarefa missionária, Seu glorioso poder em ação continuará efetuando milagres e dando motivos para que o Universo prorrompa em cânticos, glorificando Seu nome pela conversão de almas a Seu majestoso reino. ✓

Como pastorear grandes distritos



SAVIOUR CHIMFWEMBE

*Pastor distrital na Missão
Mpulunga, Zâmbia, África*

Pastorear um grande distrito, com muitas igrejas e congregações, é um trabalho desafiador. As dificuldades variam, dependendo da natureza do distrito. Por exemplo, se a igreja está localizada em área urbana, com um contingente que inclui intelectuais, profissionais liberais, as dificuldades serão de um tipo. Se o distrito é na zona rural, abrangendo muitas congregações separadas por longas distâncias e se o meio de transporte do pastor é inadequado, ou se a irmandade é maiormente analfabeta, haverá um outro tipo de dificuldades.

Um distrito pode ter membros prósperos e instruídos, mas que são inoperantes e desmotivados para os deveres da liderança. Outro distrito pode ter pessoas dispostas e atuantes, mas carentes de instrução formal e recursos financeiros. Como o pastor deve conduzir tais congregações?

Quero partilhar aqui algumas idéias que são fruto da minha experiência como pastor na África. Recentemente, por razões financeiras, a força pastoral de nossa Missão foi reduzida. Oito de

nossos 21 distritos pastorais foram absorvidos por outros. Isso quer dizer que onde tínhamos 21 pastores, agora temos 13 fazendo o mesmo trabalho. Alguns pastores têm agora distritos com mais de cem congregações.

Atualmente, pastoreio 53 igrejas e grupos. Isso provavelmente vai dobrar em dois anos, por causa do êxito nos empreendimentos evangelísticos. O desafio é duplo: de um lado, o cuidado pelas congregações, para que nosso povo permaneça fiel em todos os aspectos práticos de seu amor pelo Senhor. De outro, facilitar o trabalho dos leigos, para que eles não se tornem vítimas do desânimo e tenham tempo suficiente para suas famílias, suas atividades profissionais e sua vida espiritual.

As seguintes sugestões podem ajudar a enfrentar desafios semelhantes.

Batizar e conservar

Embora o evangelismo deva sempre permanecer como o lema de uma igreja, a necessidade de cuidado interno não deve ser negligenciada. Frequentemente batizamos centenas de pessoas cada ano; mas, não demora muito, grande parte desses novos membros acabam se afastando. Eles entram por uma porta e saem pela outra. A menos que o evangelismo externo seja equilibrado pelo evangelismo interno, nossas congregações não serão fortes.

Evangelismo interno poderia incluir não apenas nutrição espiritual e doutrinária, mas também assuntos como mordomia cristã e, especialmente, treinamento para liderança, de modo que o cuidado da igreja seja apropriadamente mantido. Não é necessário nem importante que cada igreja tenha um pastor

assalariado. Onde os membros forem treinados e estejam dispostos a assumir a liderança, essa igreja será saudável tanto no evangelismo externo, como na manutenção do seu crescimento.

Crença e prática

Os pastores necessitam tomar tempo para estudar as muitas congregações dentro do seu distrito. O que torna uma igreja mais forte e outra mais fraca? O que contribui para o dinamismo de uma e a estagnação de outra? Há conflitos que não foram resolvidos entre os irmãos? Como é o influxo de dízimos em cada igreja? Em quais igrejas esse aspecto está bem, em quais igrejas não está?

Compreendem os membros das igrejas e grupos que a crença numa série de doutrinas não é bastante, e que uma comunidade cristã vai além da mera doutrina e torna a fé prática nas ações da vida diária, de modo que outras pessoas sejam beneficiadas e impressionadas a unir-se a ela? Devemos permitir que nossas congregações descubram o delicado equilíbrio entre crença e vida prática. A congregação que vive suas crenças encontrará maneiras de administrar e resolver seus problemas.

Visão e missão

Uma igreja viva é uma igreja visionária. Ela se faz algumas importantes perguntas. Qual é nossa missão dentro da estrutura de nossa crença e fé? Como essa missão afeta o relacionamento interpessoal dentro da igreja, a liderança da congregação e o relacionamento com outras igrejas e congregações do distrito? Como estamos nos relacionando com a liderança da As-



senso de propriedade. Se o distrito é muito vasto e espalhado, organize-o por regiões (A, B, C, etc.), e estabeleça uma comissão de planejamento para cada uma região.

Obstáculos e oportunidades

Distritos, igrejas e grupos, grandes ou pequenos, têm alegrias e preocupações, oportunidades e dificuldades. A dificuldade mais significativa é a que pode ser chamada de síndrome de Sambalá e Tobias, contemporâneos de Neemias. Toda igreja manifesta, em algum momento, essa síndrome. Sempre existem alguns membros que são impulsionados a desempenhar o papel de Sambalá, presidindo o tribunal do criticismo e apontando o dedo acusador àqueles que estão fazendo alguma coisa pela congregação. A resposta é a mesma de Neemias: “Estou fazendo grande obra, de modo que não poderei descer...” (Nee. 6:3).

Em adição às dificuldades humanas, limitações financeiras, logísticas, disponibilidade de tempo e procedimentos do grupo estão entre os obstáculos que não são exatamente o que você gostaria de encontrar no caminho de sua missão. Mas quando os desafios são grandes, as oportunidades também o são. Um distrito forte e uma igreja forte são construídos através de desafios humanos, financeiros e espirituais. Esse processo finalmente produzirá satisfação e sentimento de realização na comunidade. É nosso privilégio enfatizar o lado positivo.

A igreja é a família do Senhor. Nós somos apenas seus mordomos. Se escolhermos nos submeter ao Seu comando, no exercício do nosso ministério e na administração do distrito, nossa liderança será desenvolvida de maneira saudável e eficaz. Os resultados serão magníficos. A recompensa final, indiscutível. ✓

sociação ou Missão? Onde queremos que nossa igreja chegue durante os próximos cinco ou dez anos? Qual é a nossa responsabilidade para com as crianças, os adolescentes e jovens, as famílias e os idosos? Como pretendemos envolver esses segmentos na vida da igreja?

Uma igreja que tem uma visão e uma missão não pode permanecer estagnada, enfadonha e complicada. Ela estará tão ocupada que não terá tempo para disputas internas.

Planejamento e treinamento

Além de uma clara declaração de visão e missão, pode ser feito para um distrito um planejamento de estratégias que funcionem a curto e longo prazo. O primeiro passo é organizar uma comissão de planejamento distrital para elaborar, discutir e propor tais estratégias. Ela deve idealmente incluir os principais líderes de cada igreja, repre-

sentantes dos anciãos, diáconos, diaconisas, departamentos, líderes pensantes e *experts* em várias áreas.

Essa comissão é responsável perante a comissão da igreja. Ela pode ter um período específico de atuação, para tratar de assuntos como planejamento, treinamento e capacitação. Pode definir, uma a uma, as tarefas nas quais a família da igreja estará envolvida. Essas atividades devem cobrir as áreas de nutrição espiritual, evangelismo, mordomia, finanças, construção e recursos humanos.

A comissão pode dividir os grandes objetivos da missão em pequenas tarefas, delegando responsabilidades, providenciando treinamento (que inclui especialistas de outros lugares), esboçando um projeto de orçamento, estabelecendo datas para cumprimento das tarefas, e capacitando o pessoal envolvido de maneira que possa completar seu trabalho com alegria e um

O futuro será melhor



Divulgação

JOSÉ CÂNDIDO BESSA FILHO

Secretário ministerial e evangelista, jubilado, reside em Brasília, DF

O pipocar dos fogos de artifício silenciou; seu brilho desapareceu. A fumaça viajou nas asas do vento. Foram toneladas de rojões em todo o mundo. O anseio popular foi satisfeito, as superstições e previsões mais uma vez foram olvidadas. Houve exageros no comer e no beber, esgotaram-se os estoques de produtos e os hotéis estiveram lotados. Excursões, cruzeiros turísticos nacionais e internacionais, cada um à sua maneira, de acordo com a capacidade econômica e social, foram desfrutados.

Manhã do primeiro dia de janeiro de 2001. Silenciosa. O primeiro dia estava com cara de ressaca, e as pessoas, com ar de fim de festa. Era a volta à realidade comum, mecânica e repetitiva. A única novidade estava na maneira de escrever o novo século e o novo milênio: 21 e 2001.

Apenas seis gerações tiveram o privilégio de adentrar ao novo século atrelado a um novo milênio. Qual terá sido o mais importante dos milênios da História? O que nos legou mais lições,

alegrias, felicidade, melhor estilo de vida? Tivemos o século das luzes, do átomo, e iniciamos, no século passado, o da genética.

Primeiro milênio

O primeiro milênio pode ser chamado de milênio da longevidade. Na década de 50, havia na Inglaterra 271 pessoas com 100 anos. Em 1994, eram 4.400; e, em 1998, havia oito mil com mais de 100 anos, o que é considerado um avanço estupendo. No milênio da longevidade, tivemos cinco patriarcas que ultrapassaram os 900. Isso significa que precisaríamos de nove gerações das de hoje para igualar-nos a uma do primeiro milênio. Um patriarca chegou aos 800 anos; outro, aos 700. O que mais viveu alcançou 969 anos – Matusalém. O último a chegar aos 900 anos foi Noé, dono do primeiro estaleiro naval, cujo primeiro barco media 180 m de comprimento, 90 m de largura e 18 m de altura. Tinha três andares. O primeiro freguês foi o próprio Deus. Há um patriarca que não morreu nem morrerá – Enoque.

O primeiro milênio destaca-se não somente pela longevidade das pessoas, mas também pelo seu vigor físico, mental, intelectual e científico. Os homens do primeiro século, através de Adão, aprenderam a história da criação. Deus instruiu a Adão em toda sabedoria do mundo material; seu conhecimento religioso e científico, se comparado com o de hoje ... era sem rivais. (Ver *Patriarcas e Profetas*, pág. 83).

Adão testemunhara os acontecimentos de nove séculos; os homens possuíam forte memória, capaz de aprender e reter. Sete gerações viveram

sobre a Terra contemporaneamente, tendo a oportunidade de consultarem-se entre si e aproveitar cada um dos conhecimentos e experiências de todos. (*Ibidem*). A ausência de linguagem escrita era plenamente substituída pelo grande vigor físico e mental. As pessoas tinham forte memória, capaz de aprender e reter aquilo que lhes era comunicado e, por sua vez, transmitir fielmente à posteridade.

Aquele foi também o milênio do equilíbrio natural, da qualidade de vida e da existência de santos na Terra: “apesar da iniquidade que prevalecia, havia uma linhagem de homens santos, que elevados e enobrecidos pela comunhão com Deus, viviam como que na companhia do Céu.” (*Idem*, pág. 84). Eram homens de sólido intelecto e maravilhosas realizações.

Poucos apenas dos mais preeminentes são mencionados nas Escrituras, mas durante todos os séculos, Deus teve fiéis testemunhas, adoradores dotados de coração sincero. Enoque foi o destaque maior, aprendeu dos lábios de Adão. “Por meio de santos anjos Deus revelou a Enoque seu propósito de destruir o mundo por um dilúvio.” (*Idem*, pág. 85). Que milênio aquele!

Outros milênios

Os acontecimentos seguidos ao primeiro milênio foram eventos não pertencentes exclusivamente a esse período. No segundo e terceiro milênios, tivemos as catástrofes destruidoras do dilúvio e do fogo sobre Sodoma e Gomorra. O pecado, a perversão, a criminalidade e a corrupção avançavam com extrema rapidez. A generalização do mal e a rejeição aos rogos do Espírito

levaram a uma justa ação punitiva da parte do Criador.

Tivemos o episódio da torre de Babel, o surgimento, escravidão, libertação e implantação da nação israelita; seus momentos de glória com Davi e Salomão.

Nos quarto e quinto milênios, a História registra o aparecimento dos poderosos reinos universais com Nabucodonosor e Belsazar na Babilônia, Ciro e Dario na Medo-Pérsia, Alexandre e seus quatro generais na Grécia e, por fim, o reinado dos césores romanos, divididos em dez nações pequenas, muitas delas ainda existentes na velha Europa. Há também os relatos culturais e científicos, os avanços tecnológicos dos séculos cinco e seis.

Nos dois últimos milênios, os costumes, comportamentos e estilos de vida foram revirados. O nascimento de Cristo, Seus ensinamentos, Sua vida, Sua morte e a pregação apostólica mudaram o nome da História e a contagem do tempo. Tudo passou a ser conhecido como antes ou depois de Cristo.

Vivemos 1.260 anos de escuridão e impedimento das liberdades. O mundo tornou-se como era antes do Gênesis, ou seja, um abismo de trevas. Surgiu então o monge Lutero que resgatou a luz da Palavra de Deus, iluminando o caminho da humanidade.

Que dizer do ano 2000? Esse não fugiu à trajetória dos anteriores. “Desafios intermináveis”; “Uma ameaça sistêmica adicional ganhando vulto: a pobreza”; “Os grandes não conseguiram dar um pequeno passo”. Essas foram apenas algumas dentre as manchetes reveladoras da difícil situação, que apareceram no ano passado. E não estamos falando da violência, da imoralidade e corrupção que atingem até mesmo algumas pessoas que deveriam dar exemplo de probidade e honradez.

Seis mil anos já passaram e, para decepção geral, ainda não apareceu um governante, nenhuma filosofia política suficientemente capaz de melhorar o mundo. Cumprem-se as palavras do apóstolo Paulo: “Mas os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados” (II Tim. 3:13). E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos”, já predizia Cristo (Mat. 24:12). Isaías 24 é o capítulo da ecologia: “a Terra pranteia e se murcha”; “na verdade, a Terra está contaminada por causa dos seus moradores, porquanto trans-

gridem as leis, violam os estatutos e quebram a aliança eterna”; “a maldição consome a Terra” (Isa. 24:4, 5 e 6).

As grandes cidades estão transformando-se em grandes lixões onde presenciamos gente “comendo miséria para não morrer”. Estamos nos tornando pigmeus e anões. Acaba-se o amor e vem o império da licenciosidade e da perversão. O casamento cedendo lugar para o divórcio; a longevidade contada em 70 anos. A sociedade é mais amiga dos prazeres do que amiga de Deus. Sem afeto natural e sem amor. Jesus disse: “Assim também vós: quando virdes todas estas coisas, sabeis que está próximo, às portas” (Mat. 24:33).

O milênio do futuro

O milênio recém-iniciado forma o pano de fundo para o nosso milênio, o milênio apocalíptico, o milênio de Deus. Esse será o milênio de acontecimentos gloriosos, jamais vistos. Experimentaremos o inimaginável. Embora esteja próximo, não podemos marcar em um calendário a data para seu início. Mas os acontecimentos indicam que ele não tardará. O palco está montado, as cortinas abertas, atores estão encenando e contracenando.

Estamos assistindo a um crescentemente ousado e desrespeitoso atentado contra o governo, o caráter e a Lei de Deus. Paralelamente é feita uma arregimentação ecumênica que resultará em leis opressivas, decretos de pena capital contra as minorias que persistirem na obediência a Deus. Os que fizeram profissão de fé mas não se deixaram santificar pela obediência à verdade serão joeirados e uma multidão atenderá ao clamor “sai dela, povo Meu”.

Acontecimentos de real magnitude terão lugar no mundo religioso, social, político e natural. Mas raiará um





novo milênio. Jesus virá na glória do Pai, na Sua própria glória e na glória dos anjos. “Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos Céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim, estaremos para sempre com o Senhor” (I Tess. 4:16 e 17).

Ouve-se então o som de milhares de trombetas. O brilho do cortejo celestial é superior ao do Sol. Os ímpios vivos, não podendo suportar essa glória, morrerão. Dos sepulcros sairão os fiéis, imortalizados e glorificados. A esses juntam-se os santos vivos transformados. E, de cabeça erguida, deixam escapar o brado: “Este é o nosso Deus a quem aguardávamos.” A família de Deus está reunida. O resgate pago na cruz completa-se com o resgate dos salvos deixando este sofrido e destruído planeta. À medida que a multidão capitaneada pelo Rei da glória vai subindo para o Céu, um silêncio aterrador invade a Terra, agora desolada e vazia. O céu atmosférico não tem mais luz montanhas ainda tremem, outeiros ainda estremeçam. Ninguém sobre a face da Terra, além de cadáveres em putrefação; um deserto coberto pelo entulho das cidades.

Durante seis mil anos, Satanás e seus anjos travaram uma luta contra Deus, enchendo a Terra de miséria e causando pesar por todo o Universo. Durante seis mil anos, foi seu único deleite tentar, seduzir, enganar, ludibriar, falsificar, contrafazer, mistificar, seqüestrar, arruinar e poluir. Agora, por mil anos, a Terra deverá ser o lugar de sua morada solitária (Apoc. 20:1 e 2).

Enquanto isso, reinaremos com Cristo, no Céu, durante mil anos (Apoc. 20:6), participando do julgamento dos ímpios e dos anjos maus (Apoc.

20:4; I Cor. 6:3). No fim desse período, a Nova Jerusalém será estabelecida na Terra (Apoc. 20:7-9; 21:2 e 3).

É o milênio daquilo que jamais foi visto, ouvido ou imaginado. Dele, o vidente de Patmos teve alguns vislumbres (Apoc. 21 e 22). A partir do seu estabelecimento, não haverá outros milênios, nem séculos. Viveremos a eternidade com Deus e os remidos de todos os tempos.

Esse será o milênio da restauração da vida, porque não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor. Deus enxugará dos olhos toda lágrima (Apoc. 21:4). Será o milênio da restauração da saúde: “Nenhum morador de Jerusalém dirá: Estou doente” (Isa. 33:24); e da restauração da ética: “E na sua boca não se achou engano porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus” (Apoc. 14:5). Não haverá mais conflitos: “Nunca mais se ouvirá de violência na tua terra” (Isa. 32:18). “E o Meu povo habitará em moradas de paz...”, disse o Senhor.

Esse será o milênio da justiça social: “Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede” (Isa. 65:6). “E os Meus eleitos herdarão a Terra e os Meus servos habitarão ali” (Isa. 65:21 e 22). E edificarão casas e nelas habitarão. Plantarão vinhas e comerão do seu fruto. Não mais haverá mendicância, não existirão meninos de rua, favelas, cortiços ou guetos. Nenhum sem-terra ou sem-teto.

Não mais haverá imoralidade. A natureza carnal estará morta, pois o Senhor “transformará nosso corpo abatido, para ser conforme o Seu corpo glorioso” (Fil. 3:21). Sabemos que quando Ele Se manifestar, seremos semelhantes a Ele. Esse será o milênio da adoração: “Desde um sábado até outro, e desde uma lua nova até outra, virá toda carne adorar perante Mim, diz o Senhor” (Isa. 66:22 e 23).

O Senhor partilhará conosco aquilo que Ele é, ou seja, partilhará Sua santidade, imortalidade e eternidade. Brevemente veremos Seu rosto e viveremos para sempre em Sua bendita companhia. Os acontecimentos que prenunciam o futuro milênio terão sucessão rápida. Devemos empregar o máximo dos nossos talentos na tarefa de ajudar a preparar homens e mulheres a fim de que participem da glória vindoura. Nós mesmos devemos estar preparados. Em nome de Deus, não negligenciemos isso. ✓

Notícias

Iaene já oferece mestrado



Pastor Clóvis Ferreira Bunzen Júnior, diretor geral do Iaene

Quase três anos após estabelecer as Faculdades de Fisioterapia, Pedagogia e Administração, o Instituto Adventista de Ensino do Nordeste, Iaene, dá mais um passo em sua trajetória no cenário educacional adventista, com a implantação do curso de mestrado em Teologia. A cerimônia que oficializou o novo curso foi realizada no dia 12 de dezembro e contou com a presença dos administradores da União Nordeste-Brasileira e dos Campos que a

compõem. Foi uma programação marcada pela objetividade e simplicidade, mas cheia de significado.

Sem conseguir esconder a emoção, os oradores não pouparam agradecimentos a Deus, aos líderes das Organizações Superiores e instituições adventistas que contribuíram para a concretização do projeto.

Após as palavras de boas-vindas, proferidas pelo diretor geral do Iaene, Pastor Clóvis Ferreira Bunzen Júnior, o Dr. Luiz Nunes, diretor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Salt (Sede Nordeste), destacou a aquisição de conhecimento espiritual como o objetivo maior da implantação do novo curso. “O único conhecimento que realmente conta e satisfaz é o conhecimento de Cristo. É



Pastor Luiz Nunes: “Só o conhecimento de Cristo satisfaz completamente.”

isso que o mestrado em Teologia do Iaene vai oferecer, tendo em vista o aprimoramento do ministério de todos os pastores que o freqüentarem”, ele enfatizou.

O Pastor Helder Roger Cavalcante, presidente da União Nordeste-Brasileira, mostrou-se convicto de que a oportunidade aberta pelo Iaene “enriquecerá a Igreja, o ministério adventista e a própria instituição”. Roger incentivou os novos alunos no sentido de buscarem crescer “no conhecimento e no exemplo como líderes cristãos”.

Currículo

No dia seguinte, 50 pastores das Uniões Nordeste e Norte iniciaram



Líderes que participaram da oficialização do mestrado em Teologia do Iaene

a rotina da primeira etapa de estudos, já concluída no final de janeiro. O currículo para essa fase inicial foi composto dos seguintes temas; "Técnicas para plantar igrejas", "Metodologia científica de pesquisa", "História e teologia da missão", e "Ética pastoral". As aulas foram ministradas respectivamente pelos Drs. Daniel Rhode, Joaquim Azevedo, Russel Staples e Samuel K. Pipim.

Vale ressaltar que o Salt do Iaene tem presença marcante no evangelismo da região. Desde o primeiro período de estudos, os alunos participam nas atividades das igrejas e congregações da vizinhança. No ano passado, uma campanha evangelística realizada na Associação Bahia Sul, com a participação dos alunos do terceiro ano do Seminário, resultou em mais de 1.700 batismos.

Novos ministros recebem ordenação

A família ministerial do Brasil cresceu com a inclusão de novos pastores ordenados em diversos Campos. Veja a relação:

Associação Brasil Central

Arno Nachtigal, casado com Odete Pereira Nachtigal, e Edson Vander Vieira, casado com Huberalba Brito Martins Vieira.

Associação Paulista Central

Benhur Martins Domingues, casado com Sueli Miranda de Oliveira; João Marques Ferreira, casado com Tânia Maria Brito Ferreira; Luiz Alberto de Lima, casado com Edilene Bígoli de Lima; Nizan Rabelo Oliveira, casado com Ismênia Bueno Oliveira, e Rui

Ângelo Rizzilli, casado com Márcia Queçada Rizzilli.

Missão Mato-Grossense

Elieser da Silva Rocha, Izaías Euzébio Amâncio, Odair Almeida, Roberto Nayde e Valmir Oissa.

Associação Central-Amazonas

José Alves Maciel Júnior e Elizeu da Silva Pontes.

Associação Rio de Janeiro Sul

Jean Jaques Ross, casado com Raquel Almeida Ross; Luciano Mendonça de Siqueira, casado com Anídia Lúcia Siqueira, e Roberto Pareja Filho, casado com Janice Duarte Moraes.

Igreja cresce em Israel

Apesar das tensões entre árabes e israelenses, a Igreja Adventista em Israel vem apresentando um significativo crescimento. Mais três novos "centros de culto e testemunho", como são identificadas as igrejas, foram dedicadas em Tel Aviv, no mês de dezembro.

Hoje os cerca de 600 adventistas israelenses reúnem-se em 17 igrejas. Estima-se que com a presença dos visitantes, as reuniões contam com mais de mil participantes. Há três anos, existiam apenas cinco "centros de culto". O objetivo, agora, é estabelecer mais sete nos próximos cinco anos, informa o Pastor Richard Elofer, líder da Igreja em Israel.

"Vive entre os homens, como se Deus te olhasse. Fala com Deus, como se os homens te ouvissem."

Tuller

HUMOR



Integração



Divulgação

Durante os últimos meses, tem se falado muito sobre “Evangelismo Integrado”. Todas as Uniões adaptaram de uma maneira ou de outra o *slogan* mencionado, e é exatamente esse fato que me motiva a escrever sobre o tema integração.

Como você talvez ainda se recorde, na assembléia mundial da Igreja Adventista, realizada em Nova Orleans, no ano de 1985, foi votada a criação de um superdepartamento denominado “Ministérios da Igreja”. O objetivo que se tinha em mente era criar um programa integrado e evitar que cada departamento tivesse um programa diferente. Naquela ocasião, pensou-se que, se todos os secretários de departamento trabalhassem sob a direção de um só homem, as coisas mudariam. O tempo, no entanto, encarregou-se de provar que a integração de um programa não é estabelecida por voto, inclusive porque o problema não está com os departamentos e sim com os seus líderes.

Quando cada departamento funciona como se ele fosse o objetivo final, criam-se pequenos corpos dentro do corpo e corre-se o risco de que, com o

tempo, um desses pequenos corpos sintase no direito de crescer mais do que o próprio corpo.

A integração de um programa tem de nascer necessariamente no coração de cada membro de igreja, começando com os líderes e terminando com o mais novo convertido. Deve partir da visão e do conceito que temos da Igreja e de sua grande finalidade na Terra. Porque existe a Igreja? Por que Deus a estabeleceu na Terra?

Se esse objetivo estiver bem claro na mente de todos, e se o Espírito Santo realizou o Seu maravilhoso trabalho de nos fazer nascer de novo, então a integração será um resultado natural. Porque não importa o departamento ou a área onde estou servindo, sei que tudo o que faço tem a obrigação moral, espiritual e consciente de ser orientado para alcançar o objetivo final para o qual a Igreja existe.

Vejamos um exemplo de algo simples e rotineiro como o jogo de futebol. Qual você pensa ser o objetivo de uma equipe, ao entrar em campo? Exibir camisetas? Mostrar o talento dos atletas? Fazer jogadas maravilhosas? Ou fazer gols? Todos os objetivos mencionados estão errados, porque o objetivo final é ganhar o jogo. De nada adianta fazer dez gols se a equipe leva onze gols contra si.

Ao entrar o time em campo com o objetivo definido, cada jogador, desde o goleiro até o ponta-esquerda, independentemente da sua área de ação, estará preocupado em que a equipe faça a maior quantidade de gols e evite o mínimo possível os gols contra si. Haverá ocasiões em que até o goleiro tentará

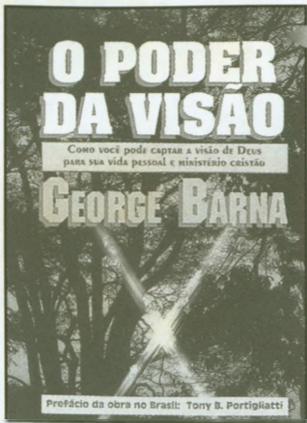
marcar gols, e o ponta-esquerda tentará tirar a bola de sua defesa antes que ela transponha a linha fatal. A equipe está integrada porque todos sabem o objetivo final.

Pensemos agora na Igreja de Deus estabelecida na Terra. Por que ela existe? Para reproduzir no homem o caráter de Jesus Cristo, através da pregação do evangelho. Temos isso bem claro em nossa mente? Repetidas vezes é usada, na Bíblia, a ilustração do corpo, relacionado à Igreja. Somos um corpo do qual a cabeça é Cristo. O corpo tem muitos membros. Alguns, aparentemente, mais importante do que outros; mas todos são necessários para o bom funcionamento e a simetria do corpo.

Algum tempo atrás, alguém me disse, em tom de brincadeira: “Pastor, eu devo ser um fio de cabelo, que não serve para nada.” Eu que o diga todas as manhãs quando me olho no espelho. Se um fio de cabelo não valesse, Jesus não o teria mencionado no sermão da montanha.

A grande pergunta hoje é: estou eu consciente de que, a despeito da função na qual tenho que servir, estou orientando tudo o que faço para o cumprimento do objetivo final do corpo?

Nesse contexto, o que é integração? Nada mais é senão o desempenho fiel da minha responsabilidade específica, orientando meu programa de ação para o cumprimento do objetivo final da Igreja de Deus. Este é o sonho de Deus para a Sua Igreja: “para que todos sejam um.” Então virá o fim. Pense nisso. – Alejandro Bullón ✓



O PODER DA VISÃO –

Dr. George Barna, Abba Press,
Rua do Mar, 20; CEP 04654-
060, São Paulo, SP; 190 pági-
nas. Tel. (0xx11)246-
5850/523-9441.

Neste livro, o leitor poderá obter uma compreensão mais completa do conceito, processo, dos parâmetros e do impacto de ter uma visão espiritual, concedida por Deus. Entre outros, o autor aborda os seguintes tópicos: “Em que a visão difere da missão”; “Os mitos sobre a visão, em que creêm muitos líderes cristãos”; “Características da visão piedosa”; “Passos práticos para descobrir a visão divina para sua vida e ministério”; “Relação entre visão e planejamento”; “Maneiras de compartilhar e de promover a adoção da visão espiritual por parte da congregação”.



COMO TRASTORNAR AL MUNDO –

Carlos Martín, Asociación Casa Editora
Sudamericana, Av. San Mar-
tín, 4555, B1604CDG Florida
Oeste, Buenos Aires, Argenti-
na; 144 páginas.

O tema de estudo deste livro está centralizado no testemunho, com base no livro de Atos. Nele, o leitor encontra instruções e exemplos inspiradores para que os seguidores de Cristo, na atualidade, sejam motivados a engajar-se com maior zelo e fervor no cumprimento da missão evangelizadora. O livro não pretende cobrir todos os eventos de testemunho que se encontram no relato de Lucas, nem considerar todos os problemas envolvidos no ato de testemunhar. Entretanto, as situações abordadas são suficientes para dar aos leitores um quadro claro do que Cristo hoje espera de todos os cristãos.



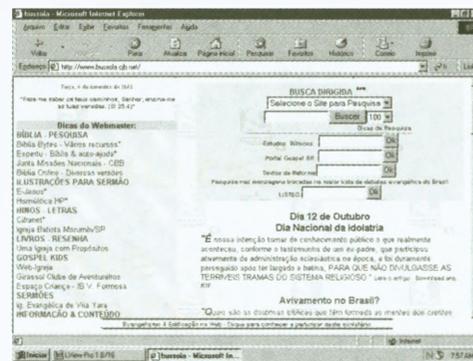
UM EVANGELISTA RES- PONDE ÀS 101 PER- GUNTAS MAIS FRE- QUENTES –

Henry Feyerabend, União Central-Brasileira
da IASD, Caixa Postal 101,
CEP 13160-000, Artur No-
gueira, SP; 127 páginas. Tel. (0xx19)3877-9000.

Muitos leitores e ouvintes encontram problemas na Bíblia, para os quais eles julgam não haver resposta. Pastores e evangelistas frequentemente se defrontam com tais indivíduos, em seu trabalho de pregação e estudos bíblicos. A melhor solução para as aparentes dificuldades é examinar bem de perto a passagem, seu contexto e as palavras utilizadas. Comparar o texto com outras passagens que tratam sobre o mesmo assunto ajuda a tornar claro o que antes parecia obscuro. Com sua larga experiência de evangelista internacional, o Pastor Henry Feyerabend oferece aos pregadores da Palavra uma ajuda prática a fim de que enfrentem com êxito tal situação.

VEJA NA INTERNET

www.bussola.cjb.net –
Esse é um buscador de
sites evangélicos em portu-
guês. Portan-
to, é um pon-
to de partida

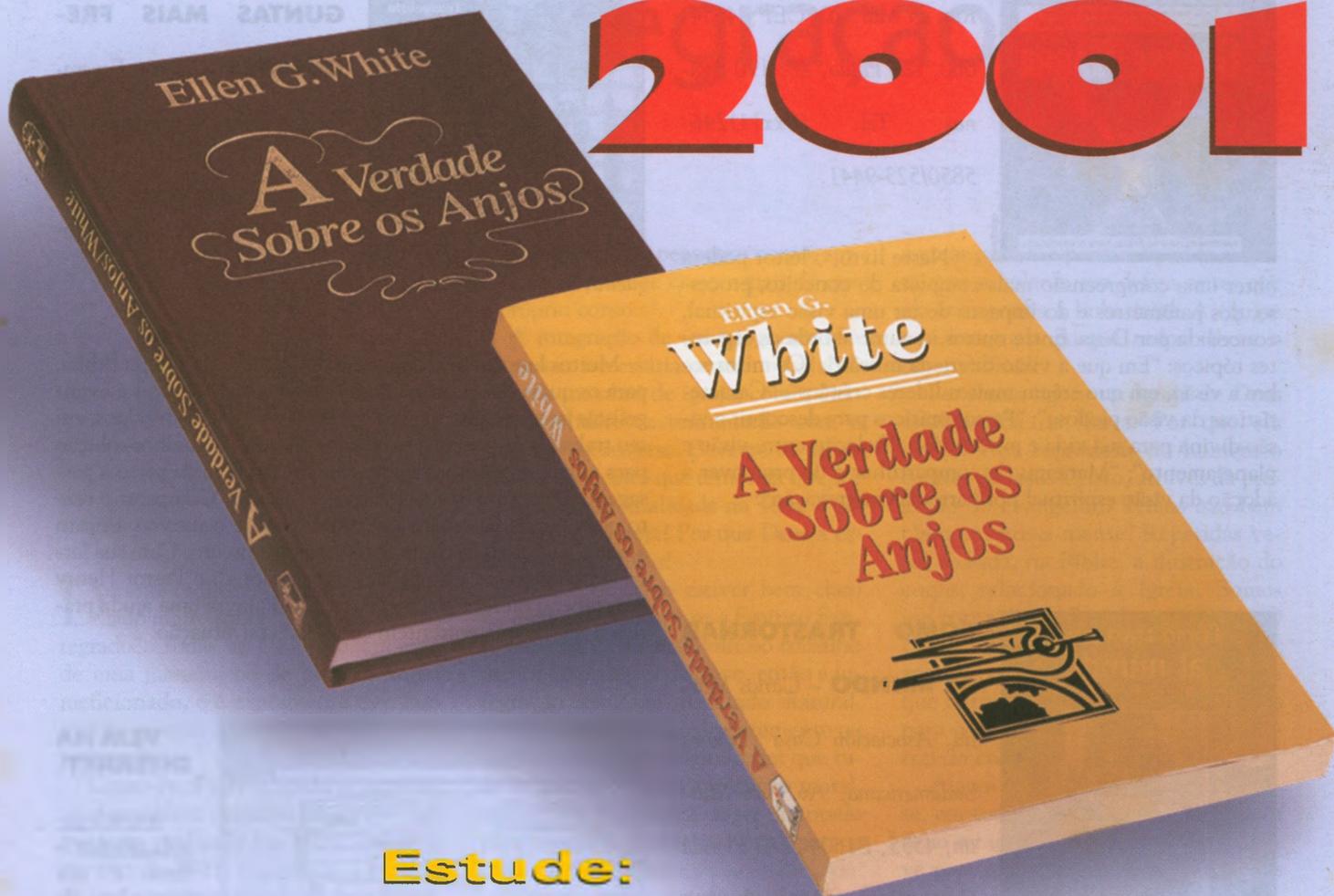


para encontrar sites com estudos bíblicos, ilustrações para sermões, notícias do mundo religioso, hinos, material de evangelismo infantil, pessoas que estão trocando mensagens de conteúdo religioso, etc. As “Dicas do Webmaster” em geral são interessantes. Outra mina preciosa é a “Lista de Sites” dentro do banner Rede de Sites Evangélicos em Língua Portuguesa (que contém links para quase duas centenas de sites evangélicos).

O Bússola Gospel é fruto do trabalho de um pastor cego que fez da internet um instrumento para continuar sendo útil à causa do evangelho. —Márcio Dias Guarda, editor de Mídia Digital da CPB.

Livro do Ano

2001



Estude:

- ✓ em sua igreja
- ✓ com sua família
- ✓ com seus amigos

Ligue grátis

0800-990606

para fazer seu pedido

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



8210 - CASA Crismon

Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-970 - Tel.: (15) 250-8800 - Fax: (15) 250-8900 - Visite nosso site: <http://www.cpb.com.br>